



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
CURSO DE LETRAS-TRADUÇÃO: FRANCÊS**

**HÃO DE RUIR AS MURALHAS DA CIDADE: TRADUÇÃO COMENTADA
DO ARTIGO “AUX SOURCES DE L’ÉCOLOGISME ANARCHISTE”**

IVES ENRIQUE DE ARAUJO SAMPAIO

Brasília, dezembro de 2019.

IVES ENRIQUE DE ARAUJO SAMPAIO

**HÃO DE RUIR AS MURALHAS DA CIDADE: TRADUÇÃO COMENTADA
DO ARTIGO “AUX SOURCES DE L'ÉCOLOGISME ANARCHISTE”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao Departamento de Línguas Estrangeiras e
Tradução, da Universidade de Brasília, como
parte dos requisitos necessários à obtenção
do título de bacharel em Letras-Tradução.

Orientadora: Alba Elena Escalante Alvarez

Brasília, dezembro de 2019.

IVES ENRIQUE DE ARAUJO SAMPAIO

**HÃO DE RUIR AS MURALHAS DA CIDADE: TRADUÇÃO COMENTADA
DO ARTIGO “AUX SOURCES DE L’ÉCOLOGISME ANARCHISTE”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao Departamento de Línguas Estrangeiras e
Tradução, da Universidade de Brasília, como
parte dos requisitos necessários à obtenção
do título de bacharel em Letras-Tradução.

Brasília, dezembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Alba Elena Escalante Alvarez

Prof.^a Dr.^a Lucie Josephe de Lannoy

Prof. Dr. Eclair Antonio Almeida Filho

*"Para a anarquia vai a humanidade
Que da anarquia a humanidade vem!
Vide como esse ideal do acordo invade
As classes todas pelo mundo além!"*
(José Oiticica)

RESUMO

Tendo em vista o apagamento sistemático das teorias anarquistas nos meios acadêmicos, com sua veiculação circunscrita ao nicho dos grupos e espaços de militância libertária, este trabalho e a tradução aqui presente ambicionam difundir e democratizar uma fração da episteme anarquista francesa para o contexto lusófono. Para tanto, foi traduzido o artigo *Aux sources de l'écologisme anarchiste*, do pesquisador Arnaud Baubérot, que relata as experiências revolucionárias de Louis Rimbault, ativista e pensador anarquista responsável pela concepção e implementação de comunidades vegetarianas na França do século XX.

Palavras-chave: Tradução comentada. Anarquismo. Ecologismo. Causa animal.

RÉSUMÉ

Compte tenu de l'effacement systématique des théories anarchistes dans les milieux académiques, avec leur véhiculation limitée à la niche des groupes et des espaces libertaires, cet ouvrage et la traduction présentée ici visent à diffuser et à démocratiser une fraction de l'épistémè anarchiste française aux contextes lusophone. À cette fin, l'article *Aux sources de l'écologisme anarchiste*, du chercheur Arnaud Baubérot, a été traduit. Il relate les expériences révolutionnaires de Louis Rimbault, militant et penseur anarchiste responsable de la conception et de la mise en œuvre de communautés végétalistes dans la France du XXe siècle.

Mots-clés: Traduction commentée. Anarchisme. Écologisme. Cause animale.

ABSTRACT

Given the systematic erasure of the anarchist theories in academic circles, with their spread limited to the niche of libertarian groups and spaces, this work and the present translation aim to publicize and to democratize a fraction of the French anarchist episteme to the Lusophone context. Therefore, the article *Aux sources de l'écologisme anarchiste*, by researcher Arnaud Baubérot, was translated, which reports the revolutionary experiences of Louis Rimbault, an anarchist activist and thinker responsible for the conception and implementation of plant-based communities in twentieth-century France.

Keywords: Commented translation. Anarchism. Ecologism. Animal cause.

SUMÁRIO

1. Introdução	8
2. Levantamento teórico	10
2.1. Síntese anarquista	10
2.2. Análise textual	13
3. Tradução	16
4. Comentários de tradução	33
4.1. Végétalismo	34
4.2. Naturisme	35
4.3. Première Guerre mondiale	36
4.4. Homme	37
4.5. De l'homme et de l'animal	37
4.6. L'espèce humaine et les espèces animales	38
4.7. Milieu libre	38
4.8. Nébuleuse	39
4.9. Relayer	40
4.10. Construções mais complexas	40
5. Considerações finais	43
6. Referências	45
6.1 Referências bibliográficas	45
6.2 Referências complementares	45
6.3 Referências eletrônicas	47
7. Anexo	48

1. Introdução

Desde seus primórdios, o movimento anarquista enfrenta uma perseguição velada, tendo suas teorias sistematicamente invisibilizadas, devido a sua inexorável oposição a entidades sacramentadas pelo *status quo*, tais como o Estado, a propriedade privada, o capital financeiro e, igualmente, as coerções e hierarquias sociais. Como consequência desse amplo apagamento ideológico, pouco se conhece sobre os aspectos plurifacetados do pensamento anarquista, sobre suas abordagens teóricas e sobre sua práxis revolucionária.

Tendo em vista esse desconhecimento generalizado das pautas do(s) movimento(s) anarquista(s), do impacto vanguardista de suas ações e das profundas implicações da militância libertária nas transformações sócio-históricas dos últimos séculos, buscarei neste trabalho apresentar um ângulo pouco explorado por quem pesquisa e se interessa pela filosofia e pela história anarquistas: a defesa do ecologismo enquanto único caminho para a preservação dos recursos deste planeta, assim como do vegetarianismo estrito (e do veganismo) enquanto bandeira abolicionista pela libertação de todos os animais, humanos e não-humanos.

Portanto, a relevância deste trabalho está inserida na democratização, em língua portuguesa e sob uma perspectiva acadêmica, do conhecimento sobre práticas e experiências anárquicas conduzidas além-mar; a fim de que o contato com tais preceitos e paradigmas possa ser um caminho viável e favorável para mudanças mais expressivas e significativas nos padrões de produção e de consumo na civilização contemporânea. Na era conhecida como “Antropoceno”, não basta adotar medidas reformistas paliativas diante do atual cenário sociopolítico e econômico global. Tem-se feito cada vez mais necessário buscar, individual e coletivamente, uma reforma completa nas cosmovisões hegemônicas e, conseqüentemente, nas limitadas compreensões do que é existir enquanto ser humano neste planeta, que há anos passa por uma profunda – e talvez derradeira – crise ecológica e socioeconômica.

Partindo dessas premissas, pretende-se com este trabalho traduzir, analisar e comentar o artigo acadêmico *Aux sources de l'écologisme anarchiste*, do pesquisador e professor de história contemporânea Arnaud Baubérot, que apresenta

as experiências do militante francês Louis Rimbault no início do século XX. Tais relatos, por enriquecerem a historiografia anarquista tão destituída de prestígio e consideração, podem vir a ser um material muito auspicioso para a construção coletiva de uma sociedade mais igualitária e menos coercitiva. Em um país no qual nomes como José Oiticica são omitidos e olvidados da história, urge igualmente resgatar as memórias de revolucionários de outras instâncias que também contribuíram nessa longa jornada pela liberdade. Oiticica, cuja obra foi evocada na epígrafe e no título deste trabalho, muitas vezes é recordado apenas como avô do artista visual – anarquista – Hélio Oiticica, mas sua militância educacional, literária e sindical tem voltado a circular pelos veios anárquicos. E é em memória desses importantes nomes invisibilizados pelo *establishment* que firmou-se a semente de onde germinou este projeto acadêmico.

Em síntese, neste trabalho de conclusão de curso optamos por segmentar a composição textual em três capítulos substanciais: levantamento teórico, tradução e comentários. No levantamento teórico, serão conduzidas análises de informações basilares para a compreensão do anarquismo, do ecologismo, da causa animal e da análise textual; abrindo caminho, assim, para que as ideias evidenciadas na tradução estejam amparadas em um arcabouço teórico. Logo após, segue-se a tradução em si, cujo texto-fonte está anexado ao final deste trabalho. Por fim, nos comentários serão dissecados alguns dos pontos do processo tradutivo que se mostraram mais complexos e desafiadores, apresentando assim alguns possíveis “contornos” interlingüísticos propostos para cada um deles.

2. Levantamento teórico

O artigo *Aux sources de l'écologisme anarchiste: Louis Rimbault et les communautés végétaliennes en France dans la première moitié du XXe siècle* foi publicado em 2014, no periódico *Le Mouvement Social* (nº 246), pelo professor acadêmico e pesquisador francês Arnaud Baubérot. Professor associado na UPEC (Universidade de Paris-Est), Baubérot também é pesquisador no CRHEC (Centro de Pesquisa em História Europeia Comparada, em português), onde conduz pesquisas nas áreas de história social e cultural da relação com a natureza, de história dos movimentos juvenis, entre outras.

O artigo em questão aborda a vida e a obra de Louis Rimbault – ativista precursor do ecoanarquismo e do vegetarianismo libertário – e as comunidades que ele ajudou a formar e coordenar nos primeiros anos do século XX. Apesar de não tão notório quanto o poeta simbolista Arthur Rimbaud – seu conterrâneo de sobrenome semelhante e igualmente anarquista –, Louis Rimbault ficou mais conhecido por sua participação no Bando Bonnot, grupo anarcoilegalista que cometeu uma série de atos transgressores contra as elites francesas no início dos anos 1910. Porém, no artigo do prof. Baubérot, o foco está na militância higienista, naturista e vegetarianista do vanguardista libertário. Enquanto o Bando Bonnot utilizava táticas de propaganda pela ação – basicamente, furtos e roubos –, as ações diretas de Rimbault pós-Bonnot envolviam panfletagens e apresentações de palestras; além da liderança pelo exemplo, por assim dizer, visto que o principal intuito de suas comunidades anarconaturistas era disseminar o modo de vida vegetarianista a ponto de, assim, exterminar o capitalismo e suas mazelas.

2.1. Síntese anarquista

Diante desse quadro, sob um olhar anarquista, todo e qualquer projeto revolucionário voltado ao desmantelamento da estratificação social e da subordinação ao Estado e ao mercado financeiro já é considerado um avanço na marcha pela emancipação das massas. Ainda que muitos sejam os posicionamentos e muitas sejam as formas de ação, é consenso na militância que a fonte das

transformações sociais está no trabalho de base e na práxis cotidiana. A esse respeito, opondo-se ao senso comum de que a revolução anarquista (ou mesmo de outras correntes) viria de uma acelerada insurreição implantada por uma legião abruptamente mobilizada, Errico Malatesta explica, em *Escritos revolucionários*:

É muito frequente acreditar que pelo fato de dizermos-nos revolucionários, achamos que o advento da anarquia deva produzir-se de uma só vez, como consequência imediata de uma insurreição, que abateria de forma violenta tudo o que existe e o substituiria por instituições verdadeiramente novas. (MALATESTA, 2008, p. 117).

E prossegue, mais adiante, apontando caminhos para a práxis revolucionária e explicitando quão elementar pode ser o ativismo libertário:

Cada golpe desferido nas instituições da propriedade individual e do governo é um passo rumo à anarquia; do mesmo modo, cada mentira desvelada, cada parcela de atividade humana subtraída ao controle da autoridade, cada esforço tendendo a elevar a consciência popular e a aumentar o espírito de solidariedade e de iniciativa, assim como igualar as condições, é igualmente caminhar rumo à anarquia. (MALATESTA, 2008, p. 118).

Na mesma direção, Noam Chomsky comenta, em *Notas sobre o anarquismo*, a respeito da construção coletiva das revoluções populares, em resposta a uma pergunta feita sobre a formação do movimento anarquista:

A Guerra Civil Espanhola talvez seja o caso mais importante, ainda que devemos lembrar que a revolução anarquista que conquistou boa parte da Espanha em 1936, tomando várias formas, não foi um levante espontâneo; foi preparada durante muitas décadas por meio de educação, organização, esforço, derrota e, algumas vezes, vitórias. Isso foi muito significativo. (CHOMSKY, 2011, p. 117).

Como apontam os dois teóricos, as grandes revoluções populares foram todas construídas longa e continuamente, em um obstinado processo de educação política e organização coletiva. Portanto, o que buscavam Rimbault e Butaud com seus ativismos anarconaturistas era essa edificação lenta, mas sólida de comunidades autônomas, à parte da organização social civilizatória. Seria

necessário realizar pesquisas mais aprofundadas, mas é plausível conjecturar que, talvez, o que planejavam era constituir uma ampla rede de comunidades interconectadas visando a uma paulatina organização federalista – projeto de muitos anarquistas (e aliados) no final do século XIX e no início do século XX.

Certo é que, enquanto parte da militância dedicava-se exclusivamente ao operariado urbano, muitos outros anarquistas preferiam voltar a atenção para o campesinato. Os teóricos e militantes anarquistas – assim como os marxistas – sempre enxergaram no campo o alicerce da estrutura capitalista e do sistema logístico da sociedade como um todo. Em razão desse olhar atento e de aspirações cada vez mais anticivilizatórias, despontaram nos círculos libertários as correntes do anarconaturismo, do ecoanarquismo (ou anarquismo verde) e do anarcoprimitivismo. A primeira corrente consiste, *grosso modo*, na conjunção dos princípios anarquistas e naturistas – como exposto no artigo traduzido –; por sua vez, a segunda defende uma postura ecológica e biocêntrica, mas sem necessariamente recorrer ao modo de vida naturista – embora o chamado anarquismo verde (conceito que muitas vezes engloba todas essas vertentes) seja adepto de muitas práticas e métodos naturistas, como a permacultura, a bioconstrução, o plantio agroflorestal etc. –; e a terceira corrente vai além, pregando um retorno às condições existenciais do ser humano primitivo (caçador-coletor) e adotando uma conduta de simplicidade voluntária e de “reconexão” com a natureza (em inglês, usa-se o termo “*rewilding*”), passando pela apologia à “desdomesticação” humana e à desindustrialização da sociedade.

Norteados por algumas dessas mesmas diretrizes da ecologia social, emergiu também o veganarquismo, corrente anarquista que observa o abolicionismo animal como parte da luta ácrata, antinormativa e emancipatória. Tendo como pauta prioritária a luta contra toda forma de escravidão e exploração animal, veganarquistas tomam a libertação animal como elemento-chave para a revolução anarquista, porquanto uma sociedade genuinamente livre não poderia prosperar sem esbarrar na incoerência antropocêntrica presente na dominação de uma espécie sobre todas as outras.

Assim, a relevância de se conhecer a história e as ideias de Louis Rimbault encontra-se precisamente no caráter vanguardista desse militante que, muitos anos antes de os debates ecológicos e antiespecistas estabelecerem-se entre os grupos

anarquistas, defendeu uma linha de pensamento que, mesmo nos dias atuais, é considerada por muitos militantes como irrelevante para a vida privada e desnecessária para a revolução social. O fato é que, nas atuais circunstâncias de iminente colapso ambiental e de crescente atenção à conservação, à preservação e à restauração dos ecossistemas e da biosfera como um todo, o ecoanarquismo e o veganarquismo têm ganhado força nas discussões políticas de orientação libertária. Logo, diante dessa conjuntura, faz-se imperativo ter e prover acesso às informações contidas na tradução aqui presente.

2.2. Análise textual

Para uma melhor compreensão dos aspectos textuais da presente tradução, foi utilizada como parâmetro analítico a obra *Análise textual em tradução*, da pesquisadora alemã Christiane Nord. Para tanto, serão analisados alguns dos elementos intra e extratextuais do textos de partida e de chegada.

Tratando-se de uma tradução-instrumento, cabe aqui analisar, antes de tudo, aspectos como: emissor, receptor, meio, lugar, tempo. Quanto aos emissores, do texto-fonte e do texto-alvo, ambos carregam a intenção e o motivo de transmitir um conjunto de informações circunstanciadas, embora cada um sob um viés ideológico distinto. Enquanto Baubérot aparenta posicionar-se pouco no texto-fonte – visto que trata-se de uma publicação acadêmica –, eu tomei algumas decisões de modo a conduzir deliberadamente os receptores do texto-alvo a uma leitura adaptada ao contexto ativista – como descrito na seção 4 deste trabalho. Desse modo, tanto este trabalho quanto a tradução aqui contida têm serventia tanto para o público acadêmico quanto para o público ativista.

E essa abordagem levou em consideração precisamente o público-alvo e todos os potenciais receptores do texto-alvo. Ainda que se trate de um texto acadêmico vertido em outro texto acadêmico, penso que muitos leitores veganos, anarquistas e/ou simpatizantes com esses temas podem encontrar em minha tradução um potencial material de pesquisa. Inclusive, há um propósito extra-acadêmico na tradução do artigo escolhido: compartilhar o texto traduzido com coletivos, editoras e bibliotecas digitais anarquistas, assim como em fóruns virtuais,

redes sociais e outros meios cabíveis. Ainda assim, respeitando as prescrições normativas acadêmicas, o texto-alvo também está em conformidade com potenciais pesquisadores que acessarem a Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente da Universidade de Brasília (BDM), podendo ser referência tanto para futuros trabalhos sobre tradução quanto trabalhos sobre anarquismo.

Quanto ao meio, o texto selecionado faz parte de um periódico, tanto físico quanto virtual, mas meu acesso se deu pela Internet e o acesso da minha tradução, o texto-alvo, será exclusivamente virtual. Isso já pressupõe que a maioria dos leitores terão acesso a computadores e à Internet, muitos provavelmente com uma renda estabelecida que lhes permite tal acesso. No entanto, como ainda há o intuito de compartilhar entre grupos autônomos, existe a possibilidade, ainda que incerta, de que o texto seja compartilhado em publicações independentes, como *zines*, revistas e coletâneas especializadas etc.; além da possibilidade de excertos do texto serem veiculados nos mais diversos meios.

Cabe também tratar da estruturação de ambos os textos, de chegada e de partida. No caso do texto-fonte, mesmo tratando-se de um artigo acadêmico, o site da publicação não informa as referências bibliográficas e não segue os mesmos formatos e as mesmas normas dos trabalhos acadêmicos produzidos no Brasil. Ademais, o artigo apresenta um resumo e é dividido em três tópicos em todo o seu seguimento, mas a divisão que mais me chamou a atenção foi o espaçamento incluído antes dos três últimos parágrafos e que está presente apenas na versão em PDF. No texto-alvo, optei por incluir esse respiro do texto, por interpretá-lo como uma proposital quebra não apenas na estrutura, mas também na condução da escrita. Afinal, a conclusão das ideias do artigo foi consumada justamente a partir dessa quebra no texto. Também mantive todas as notas de rodapé, aspas, itálicos e travessões, preservando assim essas características identitárias do texto-fonte.

Agora tratemos de lugar e tempo, algo que merece um devido destaque. Os últimos anos da história global têm sido marcados por uma ascensão vertiginosa de uma onda neofascista – ou protofascista, dependendo do enfoque – e isso reverbera em todos os aspectos da vida cotidiana. Em inúmeros países pelo planeta, o mesmo fenômeno conservador tem conquistado espaço nos meios políticos e sociais, impactando assim as vidas de milhares – talvez milhões – de pessoas. E como para

toda ação há uma reação, tem-se observado também uma forte mobilização em resposta a esse “ovo da serpente”, já demasiado incubado e decomposto. Em virtude desse avanço antifascista – progressivamente anticapitalista –, todo e qualquer material libertário pode ser uma fecunda fonte de politização.

Em vista disso, tanto na França quanto no Brasil atuais, a atenção de quem está inserido nos espaços de educação, de produção de conhecimento e de militância deve voltar-se a esse esforço antifascista, visto que são esses ambientes os mais ameaçados pelas políticas de silenciamento, homogeneização e eliminação. Portanto, ainda que provavelmente esses pontos não tenham sido levados em consideração na elaboração do texto-fonte, eles são cruciais para o projeto de tradução que busquei construir neste trabalho.

3. Tradução

Nas origens do ecologismo anarquista: Louis Rimbault e as comunidades vegetalistas da França na primeira metade do século XX

*por Arnaud Baubérot**

“A questão ecológica, juntamente com a da revolução social, está no centro das preocupações teóricas e práticas do movimento anarquista”, afirma uma nota apresentada no *Le Monde Libertaire* de janeiro de 2011¹. De fato, as conexões entre a militância anarquista e a causa ecologista² parecem hoje tão evidentes que não é motivo de espanto para ninguém a participação de ativistas libertários em operações como: as destruições de plantações experimentais de OGMs, as manifestações contra a exploração do gás de xisto ou, recentemente, a ocupação do local dedicado à construção do aeroporto de Notre-Dame-des-Landes. Do ponto de vista desses militantes, a denúncia de violações cometidas contra o meio ambiente e contra a qualidade de vida insere-se, aliás, facilmente na retórica de contestação da ordem capitalista e estatista. Embora controversos no âmbito da própria nebulosa libertária, o movimento antiespecista e sua reivindicação pela “libertação animal”³ mostram igualmente que a relação do ser humano com a natureza pode ser pensada, assim como as questões políticas, econômicas ou sociais, a partir do princípio da recusa radical de toda forma de dominação.

Em um artigo recente, Philippe Buton destaca, no entanto, que nos anos 1970, no período em que se forjava uma ecologia política e em que relações

¹ Nota do comitê de redação do *Le Monde Libertaire* na introdução do artigo, de Vincent Gerber, *Les trois facettes de l'écologie sociale*, *Le Monde Libertaire*, nº 1619, 20-26 de janeiro de 2011: <http://www.monde-libertaire.fr/ecologie/14178-les-trois-facettes-de-lecologie-sociale>.

² O adjetivo é empregado aqui para qualificar o engajamento político em favor do respeito, da proteção e da restauração do ambiente natural e contra a degradação dos meios de vida humanos. O substantivo “ecologismo” designa essa forma de militância.

³ Surgido nos anos 1970, o movimento antiespecista busca lutar contra a exploração e a violência para com os animais. De modo mais geral, denuncia o “especismo” – o ato de estabelecer distinções de direitos e de dignidade entre a espécie humana e as outras espécies animais – como uma forma de discriminação tão condenável quanto o racismo ou o sexismo.

começavam a ser tecidas com a extrema esquerda, as organizações anarquistas mostraram-se sensíveis a essas preocupações apenas de modo fraco e tardio⁴. Um rápido olhar sobre o espaço estabelecido para a proteção do meio ambiente e para suas questões políticas nas colunas do *Le Monde Libertaire* sugere o caráter tão recente desse interesse: de 1974 a 1999, a revista publicou apenas 9 artigos abordando questões ecológicas⁵, ao passo que foram publicados 65 sobre esse tema desde 2000⁶. Enfim, é necessário destacar a quase ausência dessas temáticas nas obras dedicadas à história do movimento libertário na França, desde o epítome de Jean Maitron até a síntese recente de Philippe Pelletier, passando pela obra de Jean Préposiet⁷. Assim, apesar dos esforços empreendidos por alguns militantes para encontrar entre os textos de Bakunin, Kropotkin ou Élisée Reclus as evidências de uma antiga afinidade entre anarquismo e preocupações ambientais⁸, é possível legitimamente questionar-se se o encontro do movimento libertário francês e do ecologismo não resulta, de modo mais conjuntural, do lugar que têm tomado recentemente essas preocupações no debate público.

A história das relações entre anarquismo e ecologismo merece, todavia, ser apreendida em um quadro mais amplo que o do advento da ecologia política e da militância organizada em favor da defesa do meio ambiente. De fato, é sabido que, na aurora do século XX, alguns poucos militantes engajaram-se na promoção do naturismo e conduziram diferentes projetos de retorno à natureza. Gaetano Manfredonia foi o primeiro interessado nessa corrente. Em sua tese dedicada ao anarquismo individualista na França antes da Primeira Grande Guerra, ele mostrou como a ascensão do naturismo libertário estava inscrita no contexto de uma evolução que conduziu os individualistas a desviarem-se da ação política *stricto sensu* para engajarem-se no terreno da contestação das práticas sociais e culturais

⁴ Philippe Buton, *L'extrême gauche française et l'écologie: une rencontre difficile (1968-1978)*, *Vingtième Siècle: Revue d'histoire*, n° 113, janeiro-março de 2012, p. 197-198.

⁵ Cinco artigos entre 1974 e 1979, três nos anos 1980 (dos quais dois em 1986, após a catástrofe de Chernobyl) e apenas um no decorrer da década de 1990.

⁶ Contagens realizadas a partir dos arquivos *online* do *Le Monde Libertaire* (<http://www.monde-libertaire.fr/ecologie>).

⁷ Jean Maitron, *Le mouvement anarchiste en France*, Paris, Gallimard, 1992 [Maspero, 1975]; Philippe Pelletier, *L'anarchisme*, Paris, Le Cavalier bleu, 2010; Jean Préposiet, *Histoire de l'anarchisme*, Paris, Fayard-Pluriel, 2012 [Taillandier, 2002].

⁸ Por exemplo, desde 1974, o artigo de Patrick Pidutti, *Michel Bakounine penseur de l'écologie*, *Le Monde Libertaire*, n° 205, outubro de 1974, ou, mais recentemente, a recensão de textos realizada pela biblioteca libertária *online* Bibliolib (<http://kropot.free.fr/index3.htm#ECOLOGIE>).

dominantes⁹. Na continuidade de seus trabalhos, vários pesquisadores abordaram essa corrente e sua perenidade no entreguerras, especialmente por meio das experiências de vida comunitárias em meio rural que ela suscitou¹⁰. Contudo, a eventualidade de sua dimensão ecologista – isto é, de um engajamento de seus membros em favor da proteção ou da restauração do ambiente natural – nunca foi realmente levada em consideração, e isso por duas razões. Por um lado, os fundadores de comunidades anarquistas nunca apresentaram suas iniciativas como projetos visando a encontrar um modo de vida que respeite o meio ambiente. A implantação rural respondia mais à busca por um espaço onde seria possível desatar-se do Estado e do regime capitalista, e onde a vida em autarquia seria possível. De modo mais geral, os problemas ligados à degradação do meio natural e a questão de sua preservação parecem ter preocupado pouco esses militantes, os quais nunca o fizeram um tema central de suas reivindicações. Por outro lado, para os teóricos do naturismo libertário, o termo “natureza” era empregado menos para evocar o meio natural que para designar um princípio normativo abstrato que permite opor as “leis da natureza” à artificialidade dos costumes e das leis da sociedade.

O fato é que, entretanto, o meio rural foi concebido pelos militantes anarquistas naturistas como o lugar mais propício à regeneração à qual aspiravam e a um modo de vida que prefigura o ideal social pelo qual lutavam. Assim sendo, a dimensão ecologista de seus projetos e de suas realizações merece ser questionada a fim de determinar se constituem, e em qual medida, uma das origens da ecologia política em sua vertente libertária. Em outros termos, é possível questionar-se se as experiências conduzidas no entreguerras por esses anarquistas naturistas permitiram ou não lançar as bases de um projeto de organização social fundamentado em uma relação com o ambiente natural isenta de toda forma de dominação. É esse caminho que propomos seguir aqui, conferindo uma atenção

⁹ Gaetano Manfredonia, *L'individualisme anarchiste en France, 1880-1914*, tese de 3º ciclo, Institut d'Études Politiques de Paris, 1984.

¹⁰ Permito-me remeter à minha obra *Histoire du naturisme: Le mythe du retour à la nature*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2004, p. 161-216, bem como aos trabalhos de Tony Legendre, *Expériences de vie communautaire anarchiste en France: le milieu libre de Vaux (Aisne) 1902-1907 et la colonie naturiste et végétalienne de Bascon (Aisne) 1911-1951*, Paris, Les Éditions Libertaires, 2006, e Céline Beaudet, *Vivre en anarchiste: Milieux libres et colonies dans le mouvement anarchiste français des années 1890 aux années 1930*, doutorado em História, Universidade Paris Nanterre, 2012.

particular ao caso de Louis Rimbault e a suas diversas experiências de vida em comunidades libertárias até seu falecimento em 1949.

Anarquismo individualista e reforma dos modos de vida

Nascido em Tours no ano de 1877 em uma família pobre, Louis Rimbault encontrou o meio libertário de modo relativamente tardio. Em 1908, instalado há alguns anos na região parisiense, abrigou seu jovem irmão Marceau, então com 19 anos, que progrediu nos círculos anarquistas individualistas da capital. Louis, já trintenário, frequentou então essa nebulosa na qual tornou-se rapidamente um militante ativo¹¹.

O encontro de Louis Rimbault com o universo anarquista individualista não somente determinou sua conversão às ideias libertárias. É muito provável que suas convicções vegetarianas, antialcoólicas e antitabagistas foram formadas no contato com esses militantes, dos quais uma parte já estava mobilizada pelas teorias naturistas¹². Na virada do século de fato, o meio anarquista individualista passou por uma profunda mutação. A onda de atentados do início dos anos 1890 foi seguida de uma repressão feroz que levou à dissolução da maioria dos grupos e círculos de estudo que estruturavam até então a militância libertária. Além disso, o insucesso da “propaganda pela ação” demonstrou a vaidade da esperança de uma revolução provocada por um levante espontâneo das massas. Diante dessa nova situação, uma grande parte do movimento anarquista voltou-se para o sindicalismo, no qual encontrou novas perspectivas de luta social e de ação revolucionária. Todavia, a ascensão do anarcossindicalismo deixou em suas margens alguns poucos militantes individualistas movidos por uma comum rejeição de toda forma de organização coletiva, assim como por um desprezo profundo pela classe operária, julgada sem real vontade revolucionária e cúmplice de sua servidão. Gaetano Manfredonia mostrou como a falência de suas esperanças revolucionárias conduziu esses individualistas a abandonarem o terreno da luta política e social para prostrarem-se sobre a questão da emancipação individual pela reforma dos modos de vida. A

¹¹ Jean Maitron e Claude Pannetier (dir.), *Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier français*, 4ª parte, t. 40, Paris, Les Éditions Ouvrières, 1991, p. 57.

¹² Arnaud Baubérot, *Histoire du naturisme...*, op. cit., p. 197 e 200-201.

perspectiva de um abalo à ordem social torna-se factível, a seu ver, apenas na medida em que seja precedido por um lento trabalho de educação que vise à edificação de uma nova humanidade, verdadeiramente liberta de todo preconceito e de toda alienação¹³. Durante a década que precedeu a Grande Guerra, esses militantes concentraram então seus esforços na contestação das normas e das práticas dominantes, em domínios tão variados quanto os da propriedade, do regime matrimonial e da sexualidade, da alimentação ou do vestuário. Essa contestação fundamenta sua legitimidade na denúncia do carácter irracional e artificial das normas sociais e da moral herdada do cristianismo e na busca por novas linhas de conduta racionais assentadas nas “leis da natureza”¹⁴. Assim, uma espécie de neoestoicismo difundiu-se no seio do anarquismo individualista, sob a influência, principalmente, do filósofo libertário Han Ryner que, por meio de suas obras e suas palestras, estimulou a reflexão teórica de inúmeros militantes¹⁵.

A busca pelas implicações práticas dessa moral natural conduziu uma parte dos individualistas a interessar-se pelas recomendações formuladas na mesma época por médicos naturistas cujas teses foram ativamente reproduzidas pela Sociedade Vegetariana Francesa. O grupo de militantes que se reuniam em torno de Albert Libertad e de seu periódico semanal *L'Anarchie*, fundado em 1905, denunciou assim o álcool e o tabaco como instrumentos de alienação aos quais, de modo gregário, o mundo operário está submetido. Ele seguiu pelo mesmo caminho quanto ao consumo de carne, que Libertad designou como o alimento que nutre os músculos dos trabalhadores e permite sua servidão, tornando-os “vítimas que se deixam alimentar-se do sangue de outras vítimas”¹⁶. Cofundador do *L'Anarchie*, André Lorulot apresentou, por sua vez, a abstenção de álcool como uma necessidade para o anarquista, indivíduo consciente que submete todos os seus atos à crítica e recusa-se a imitar “os gestos imbecis das outras pessoas”¹⁷. De modo mais geral, uma parte da imprensa anarquista individualista participou, na

¹³ Gaetano Manfredonia, *L'individualisme anarchiste...*, op. cit., p. 220-240.

¹⁴ A referência às leis naturais como fundamento da contestação das leis sociais já estava presente na literatura teórica anarquista. Pode-se encontrar em Bakunin, por exemplo em sua obra *Dieu et l'État*, prefácio de Carlo Cafiero e Élisée Reclus, Genève, Imprimerie Jurassienne, 1882, p. 25-28.

¹⁵ Gaetano Manfredonia, *L'individualisme anarchiste...*, op. cit., p. 295-297.

¹⁶ Proposições de Libertad relatadas por André Colomer em *Le roman des “bandits tragiques”*, *La Revue Anarchiste*, nº 12, dezembro de 1922, p. 6.

¹⁷ André Lorulot, *Vices, habitudes et préjugés*, *L'Anarchie*, nº 43, 1º de fevereiro de 1906, p. 1-2.

década que precedeu a Grande Guerra, da promoção de um higienismo elaborado pelos médicos vegetarianos e naturistas, seja reproduzindo artigos redigidos por esses últimos¹⁸, seja retomando seus princípios e associando-os a um ideal de regeneração e de emancipação individuais¹⁹. Se o vegetarianismo e a abstenção constituíam os mandamentos principais desse código naturista, este último estendeu-se igualmente a preocupações mais amplas. Em matéria alimentar, os condimentos, o café e o chá foram considerados substâncias tóxicas e, portanto, proscritas. Recomendações muito precisas foram também formuladas em matéria de exercícios físicos, de higiene corporal, de vestimenta, de ventilação e de exposição solar. Entre alguns autores, a respiração, a gestão do sono ou até mesmo a frequência das relações sexuais foram o objeto de prescrições por vezes muito detalhadas²⁰. O conjunto dessas regras, garantias de uma vida conforme as leis da natureza, não tinham por função apenas proporcionar bem-estar e saúde a quem as respeitasse. Elas constituíam, aos olhos desses anarquistas individualistas, a base de um projeto de transformação social. Por meio delas, de fato, “os indivíduos agora são e fortes poderão refazer a sociedade que atualmente dissolve-se em seus vícios, sua corrupção, sua deterioração”²¹. Assim difundiu-se, em uma parte da militância individualista, a ideia de que os comportamentos sociais dominantes são fundamentalmente antinaturais e causas de uma degeneração da qual é possível escapar apenas pela adoção de um modo de vida em harmonia com as leis da natureza.

¹⁸ Por exemplo, no periódico mensal *L’Idée Libre* fundado por Lorulot, os artigos do dr. Pauchet, *La vie hygiénique*, nº 4, 1º de março de 1912, p. 88-91, e do dr. Guelpa, *Désintoxication organique et régime végétarien*, nº 8, 1º de julho de 1912, p. 186-189 e nº 9, 1º de agosto de 1912, p. 198-201. Ambos foram membros da Sociedade Vegetariana Francesa.

¹⁹ Por exemplo, uma série de oito artigos redigidos por um certo Jelm e intitulados *Hygiène et anarchisme*, que aparece no *L’Anarchie*, de 24 de outubro (nº 133) a 12 de dezembro de 1907 (nº 140). *La Vie Anarchiste*, periódico mensal fundado em 1911 por anarquistas de Reims e depois retomado por Butaud em 1912, e *La Revue Sociale*, publicada em Saint-Raphaël em 1912-1913 por Léon Prouvost, um próximo de Lorulot, dedicaram inúmeros artigos à propaganda antialcoólica e antitabagista, ao vegetarianismo e, de modo mais geral, à higiene naturista.

²⁰ Ver por exemplo Jelm, *Hygiène et anarchisme*, *L’Anarchie*, nº 133, 24 de outubro de 1907, p. 2; Paraf-Javal, *Quelques explications au sujet de notre programme*, *Bulletin du Groupe d’Études Scientifiques*, nº 12, 1º de dezembro de 1910, p. 2-3; dr. Cabanès, *Savons-nous respirer?*, *L’Idée Libre*, nº 1, 1º de dezembro de 1911, p. 20-22; Fernand-Paul, *Hygiène et sommeil*, *La Vie Anarchiste*, nº 7, 5 de março de 1912, p. 9-10.

²¹ Fernand-Paul, *Hygiène et sommeil*, art. citado, p. 10.

Da comunidade anarquista à cidade vegetariana

Entre os encontros que Louis Rimbault pôde ter na nebulosa individualista e naturista, o que teve com Georges Butaud e sua companheira Sophie Zaïkowska revela-se particularmente determinante. Ativo nos círculos individualistas desde o final do século XIX, o casal rapidamente tornou-se vegetariano e abstinente²². Em 1903, participaram da fundação da primeira colônia libertária francesa, a comunidade de Vaux, em uma vila da comuna de Essômes-sur-Marne, próximo a Château-Thierry. Butaud afirmou-se rapidamente como seu principal promotor. Mas, após alguns sucessos iniciais, os colonos logo confrontaram-se com dificuldades materiais, bem como com profundas dissidências internas que conduziram à partida de uma parte deles. Estes últimos contestaram o autoritarismo de Butaud assim como sua pretensão de impor-lhes um regime vegetariano e a abstenção de álcool. Desde 1904, os militantes parisienses que sustentavam a experiência consideravam que ela já havia desmoronado. A colônia continuou, entretanto, a subsistir até sua desintegração oficial, em janeiro de 1908²³.

Após a dispersão dos últimos colonos, Georges Butaud e Sophie Zaïkowska instalaram-se em Bascon, aldeia situada a 800 metros de Vaux, em uma antiga dependência da colônia. No outono de 1911, planejaram fundar uma nova comunidade libertária na qual anunciaram abertamente dessa vez o caráter vegetariano e naturista. Louis Rimbault e sua companheira Clémence uniram-se a eles e instalaram-se em Bascon. Os colonos, que receberam visitas regulares, mas permaneceram no número de quatro durante toda a duração da experiência, aprofundaram sua reflexão teórica e prática sobre a reforma dos modos de vida, prelúdio necessário, segundo eles, a toda transformação social. Essa reflexão orientava-se, antes de tudo, pela justificativa da redução do consumo nas necessidades mais elementares. Certamente, para não se darem por vencidos, os dois casais instalados em Bascon conduziram nessa época uma vida extremamente

²² De acordo com o depoimento de Sophie Zaïkowska na obra póstuma de Georges Butaud, *Le végétalisme*, prefácio do dr. Legrain, médico-chefe honorário dos hospitais psiquiátricos do rio Sena, Ermont, publicação da *Le Végétalien*, 1930, p. 57.

²³ Sobre a experiência da comunidade libertária de Vaux, ver Arnaud Baubérot, *Histoire du naturisme...*, *op. cit.*, p. 190-194; Tony Legendre, *Expériences de vie communautaire anarchiste...*, *op. cit.*, p. 6-40; Céline Beudet, *Vivre en anarchiste...*, *op. cit.*, p. 131-145.

rudimentar, que os relegava por vezes à mera sobrevivência. Mas essa frugalidade não somente foi vivida como contrapartida da vida quase autárquica que esses companheiros escolheram conduzir. Segundo Butaud, ela foi também uma privação voluntária pela qual o indivíduo rejeitaria as “necessidades artificiais”, “suprimiria de sua vida o luxo, o inútil, o excitante”, adotaria uma higiene de vida rigorosa e “tornar-se-ia uma pessoa plenamente satisfeita em viver consumindo pouco”. E Butaud concluiu: “Dispor-se a aperfeiçoar-se, a tornar-se um elemento menos dispendioso, é melhorar a sociedade inteira na medida que o esforço individual permite”²⁴.

Em 1912, a leitura da obra *Les trois aliments meurtriers*, na qual o médico naturista Paul Carton denuncia a responsabilidade do álcool, da carne e do açúcar industrial pela degenerescência contemporânea, conduziu os habitantes da comunidade libertária a dar um passo suplementar em sua trajetória de redução das necessidades. Eles renunciaram assim a todo alimento de origem animal e a todo produto processado industrialmente, e adotaram uma dieta exclusivamente vegetal que classificaram, a partir de então, como “vegetalista”. Essa passagem do vegetarianismo ao vegetalismo permitiu-lhes ampliar sua autarquia e renunciar definitivamente a todo trabalho assalariado. Além disso, a leitura das obras de Carton trouxe-lhes a convicção de que a redução das rações alimentares pouparia seus organismos do esgotamento que uma alimentação demasiadamente abundante ocasiona, e que a vitalidade dos vegetais crus, bem como o ato de expor-se regularmente ao sol, compensariam o aporte energético da carne e dos feculentos²⁵.

A experiência da comunidade libertária de Bascon foi de curta duração. Ao final de seis meses, as dificuldades econômicas e o isolamento dos colonos enfim prevaleceram. Um artigo publicado na *La Vie Anarchiste*, de 5 de março de 1912, anunciou sua dissolução²⁶. Ela deixou, entretanto, uma marca duradoura em Louis Rimbault, que adquiriu a convicção definitiva de que a redução das necessidades e o vegetalismo eram condições indispensáveis a toda emancipação individual, bem como ao advento de uma sociedade libertária. De volta à região parisiense, Rimbault frequentou os meios ilegalistas, o que lhe valeu estar envolvido no caso do Bando

²⁴ Butaud e Zaïkowska, *Étude sur le travail*, Bascon, Éditions du Milieu Libre, 1912, p. 7-8.

²⁵ Ver Georges Butaud, *Le végétalisme*, op. cit., p. 57-68.

²⁶ *Le Milieu libre n'est plus*, *La Vie Anarchiste*, n° 7, 5 de março de 1912, p. 15.

Bonnot e ser detido. Durante sua detenção, simulou loucura, mas compareceu ao tribunal e foi por fim absolvido. Dispensado em 1913, foi convocado em 1915 e designado a uma fábrica como ajustador mecânico, antes de ser declarado inválido e definitivamente dispensado²⁷. Após a guerra, ele renovou suas relações com Georges Butaud e Sophie Zaïkowska, que tentaram então lançar um novo embrião de colônia vegetarianista em Bascon. Este último tornou-se, por sua vez, um ardente propagandista do vegetarianismo, colaborou ativamente com a revista naturista libertária *Le Néo-naturien*, lançada por Henry Le Fèvre em dezembro de 1921, e deu palestras no *foyer* vegetarianista da rua Mathis que Butaud abriu em 1922, no bairro La Villette em Paris. Foi também nessa época que Louis Rimbault elaborou a *basconnaise*, “salada de infinita variedade”. Essa receita, cujos trinta ingredientes e condimentos visavam a compensar, pela diversificação, as carências que a supressão dos alimentos de origem animal acarretaria, logo torna-se o prato vegetarianista de referência²⁸. Contudo, em 1925, Louis Rimbault rompeu com Butaud e Zaïkowska. Ele os culpou pelo lançamento de uma nova revista, *Le Végétalien*, cuja concorrência provocou o declínio e, em seguida, o desaparecimento da *Le Néo-naturien*, assim como culpou a excessiva influência que o espiritualismo esotérico do doutor Paul Carton exerceu sobre eles²⁹. Mas essas dissidências sectárias não o impediram de continuar reconhecendo Butaud como seu “mestre de vegetarianismo”³⁰.

Terre Libérée, cidade vegetarianista... e ecologista?

No final do ano 1923, Louis e Clémence Rimbault decidiram fundar uma nova colônia vegetarianista em Touraine, região da qual Louis era originário. Para isso, eles adquiriram próximo a Luynes, 10 km a oeste de Tours, uma antiga fazenda agrícola composta por dez hectares de terras cultiváveis ou arborizadas, por uma casa de

²⁷ Jean Maitron e Claude Penneret (dir.), *Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier*, op. cit.

²⁸ Um século depois, a receita da *basconnaise* ainda é promovida em algumas comunidades vegetarianistas.

²⁹ Louis Rimbault, *Le “Néo-Naturien” doit-il disparaître pour avoir coopéré au succès du végétalisme libérateur?*, *Le Néo-naturien*, nº 21, outubro-novembro de 1925, p. 345. Nessa edição, Henry Le Fèvre anunciou o fim da revista.

³⁰ Louis Rimbault, *Secrets bienfaits de la maladie: les soins exécutant médecine et médecins, ce que le visage révèle*, Luynes, Éditions de Terre Libérée, 1928, p. 35.

fazenda e por suas dependências. No início do ano 1924, a “cidade vegetalista Terre Libérée” foi fundada e começou a receber visitantes.

Louis Rimbault, que parece ter pensado seu projeto maduramente, previu modalidades de organização muito precisas. Os adeptos que aceitassem sustentar a colônia seriam reunidos em cooperativas e estariam encarregados de administrá-las financeiramente em seus períodos iniciais. Os benefícios produzidos por trabalhos utilitários diversos, mas também os arrendamentos pagos pelos visitantes e a remuneração pelos cuidados prestados aos doentes que viriam para tratar-se na Terre Libérée, permitiriam cobrir futuras adesões. Os colonos, por si sós, reunidos toda semana em um “conselho dos societários”, designariam por votação dois administradores, um encarregado das relações internas, o outro das relações externas. Cada societário, cujo número máximo foi fixado em vinte adultos, receberia a satisfação pessoal de uma parte do imóvel e de uma horta. Ele previu providenciar, eventualmente, uma escola, um preventório, um pavilhão para receber arrendatários doentes, um outro para os simples visitantes e um terceiro para os idosos sem recursos. Por fim, um regulamento estabelecia as atividades proibidas e os motivos de exclusão³¹. Todavia, as realizações na Terre Libérée estiveram longe de estar à altura das ambições de seu fundador. Se por um lado a colônia recebeu inúmeros visitantes para estadias mais ou menos longas, ela contou com apenas cinco colonos instalados permanentemente: Louis e Clémence Rimbault, Gabrielle Lallemand (conhecida como Gaby) e sua filha Solange, e Léonie Pierre, uma jovem com cerca de vinte anos e deficiente mental, que os Rimbault haviam adotado em 1915. Em 1927, o falecimento de Clémence reduziu ainda mais a população da “cidade vegetalista”. Esses contratempos não impediram Louis de desenvolver uma intensa propaganda em favor de seu programa de regeneração. Deu inúmeras palestras em Paris e em Tours, publicou uma dezena de folhetos que ele próprio editou na casa de impressão de sua colônia e continuou mantendo relações estreitas com o meio libertário. Colaborou principalmente com o jornal individualista *L'En-dehors* e com a *Encyclopédie Anarchiste* de Sébastien Faure para a qual redigiu um artigo intitulado *Maladie, médecins, médecine, médicalisme*.

³¹ Céline Beaudet, *Vivre en anarchiste...*, op. cit., p. 286-287.

As relações com a vizinhança da colônia foram mais complicadas. Os habitantes de Luynes viam com maus olhos a chegada desses anarquistas e a circulação perpétua de visitantes que essa chegada acarretou. Suas práticas curiosas e sua pretensão autárquica deram uma aparência de seita a essa comunidade e provocaram a desconfiança dos aldeões³². Em um depoimento redigido em 1945, Rimbault denunciou, por sua vez, as manobras de uma vizinhança hostil para com os “bebedores de água” e “comedores de grama”³³. Novos contratemplos ainda vieram a eclipsar o modo de vida que Rimbault conduzia em sua colônia. Em setembro de 1932, ele foi vítima de um acidente que o deixou paraplégico. Gaby e sua filha deixaram a Terre Libérée no ano seguinte e Louis viveu a partir de então sozinho com Léonie. Eles acabaram por casar-se, embora ela fosse vinte e cinco anos mais nova, provavelmente para permitir-lhe herdar a Terre Libérée após sua morte. Apesar de seu isolamento, a fé vegetalista de Rimbault não decaiu e ele continuou, até seu falecimento em 1949, a receber arrendatários e a manter correspondência com vários militantes libertários.

A abundante produção teórica por meio da qual Louis Rimbault esforçou-se para justificar e promover o regime vegetalista sustentou-se principalmente em argumentos de cunho médico e fisiológico³⁴. Encontra-se assim, em seus folhetos, longas elaborações sobre os malefícios da carne, do álcool e do tabaco análogas às que apresentam, há meio século, os médicos vegetarianos e naturistas na promoção de uma reforma sanitária dos modos de vida. Em contrapartida, o meio natural, as questões de sua preservação e sua influência sobre a qualidade de vida parecem singularmente ausentes em seus escritos. Enquanto o essencial de sua proposta visava a demonstrar a validade científica de seu sistema, Rimbault nunca se aventurou explicitamente no terreno da ecologia. Assim, seria em vão buscar a menor referência, mesmo implícita, aos trabalhos do fundador da ecologia científica, Ernst Haeckel, ou de qualquer um de seus sucessores. Do mesmo modo, ele nunca evocou o poeta estadunidense Henry David Thoreau, por vezes considerado um

³² Entrevista realizada com o sr. Michaux em Saint-Cyr-sur-Loire, dia 8 de maio de 2000. Criança nos anos 1930, sr. Michaux residia em uma fazenda vizinha da Terre Libérée.

³³ Carta de Louis Rimbault a Émile Armand, datada de 20 de março de 1945, Archives Armand, Institut Français d'Histoire Sociale, 14 AS 211⁸.

³⁴ Além de seus artigos em diversas revistas anarquistas, Louis Rimbault publicou onze folhetos (de 16 a 80 páginas) entre 1923 e 1938.

precursor do ecologismo e cujas obras, conhecidas nos meios individualistas desde os anos 1920³⁵, exaltam a vida na natureza. Enfim, Rimbault não fez nenhuma alusão aos debates que circundaram, desde o início do século, a criação dos parques naturais³⁶, nem à lei de 2 de maio de 1930 sobre a proteção dos monumentos naturais. Em outros termos, a ação militante de Rimbault situou-se exclusivamente na linha do higienismo médico do final do século XIX e do início do século XX, e mais especificamente de sua vertente naturista, mas ela não manteve nenhuma relação de filiação ou de afinidade com as origens da ecologia científica e do ecologismo contemporâneo.

Todavia, de maneira episódica, mas recorrente, Rimbault abordou em seus escritos temas que denotavam de sua parte preocupações que poderiam ser qualificadas, *a posteriori*, como ecologistas. Em sua relação com a natureza, antes de qualquer coisa, insistiu regularmente sobre a necessidade de restabelecer com ela uma harmonia que, segundo ele, foi perdida, principalmente pelo consumo de carne. “O carnivorismo”, proclamou na *Le Néo-naturien*, “é a luta universal, é o ser humano retornando à barbárie, é a natureza defraudada, é a humanidade escravizada, é o animal agora perverso”; enquanto “o vegetalismo é a reconciliação com a natureza”³⁷. Em um folheto intitulado *Les origines de la vie humaine révélées par la pratique du naturisme intégral*, ele expôs também sua visão – amplamente quimérica – de uma vida primitiva “pura, natural, livre”, degradada pelos malefícios da civilização. Esse exemplo permitiu-lhe afirmar que a solução para os tormentos da vida contemporânea residiria no restabelecimento das conexões do ser humano para com o meio natural: “Para o vegetalista – declarou – o problema é simples de resolver com alguns milhares de metros de terra regenerada pela vontade de harmonia e de respeito à vida, assim como o vegetalismo ensina e permite.”³⁸

³⁵ Émile Armand, com quem Rimbault manteve correspondência, era admirador de Thoreau. Em outubro de 1926, publicou um de seus textos no *L'En-dehors*, sob o título de *En faveur de la nature*.

³⁶ Ver Bernard Kalaora e Antoine Savoye, *La protection des régions de montagne au XIXe siècle: forestiers sociaux contre forestiers étatistes*, in Anne Cadoret (dir.), *Protection de la nature: histoire et idéologie*, Paris, L'Harmattan, 1985, p. 6-23.

³⁷ Louis Rimbault, *Le problème de la viande*, *Le Néo-naturien*, n° 9, dezembro-janeiro de 1923, p. 10.

³⁸ Louis Rimbault, *Les origines de la vie humaine révélées par la pratique du naturisme intégral: le végétalisme, interprétation vécue, inédite sur la vie du primitif*, Luynes, Éditions de Terre Libérée, 1929, p. 4, 10 e 25.

Enquanto Butaud, acima de tudo, considerava a natureza um conjunto de princípios fisiológicos que permitiriam determinar as regras de um comportamento saudável – o que o conduziu a relativizar a importância do meio rural e a abrir um *foyer* vegetalista em Paris no início dos anos 1920 –, Rimbault a concebeu através da acepção ambiental do termo. Segundo este último, a libertação individual passa necessariamente pelo retorno à terra e o vegetalista “deve tornar-se camponês”. Todavia, o respeito à harmonia com a natureza impunha renunciar às técnicas agrícolas modernas e aos fertilizantes químicos, “um atentado à vida, um crime contra a natureza”, para seguir o ciclo biológico da terra e praticar a rotação de culturas³⁹. Em outro momento, respondendo ao argumento – um tanto simplista e claramente oposto ao vegetalismo – segundo o qual a recusa do sofrimento animal deveria, por uma questão de coerência, aplicar-se também aos vegetais, ele defendeu a ideia de uma agricultura prudente, preocupada com não sobre-explorar os recursos do solo: “O vegetalista, cultivando seus vegetais [...], confeccionará sua *basconnaise* apenas colhendo seus ingredientes, dia a dia, folha a folha, em cada pé; e para cada pé que arranque, por necessidade indispensável, ele fará florescer vários outros, restabelecendo em si mesmo e em suas obras o equilíbrio na Natureza”⁴⁰. Enfim, esse ideal de uma relação no meio natural isenta de toda dominação o conduziu a buscar ao máximo seus meios de subsistência no “terrêu opulento” e entre as plantas selvagens⁴¹. Certamente, essas considerações permanecem sendo fragmentos esparsos, escassos nos escritos de Rimbault. A coerência dessas considerações não resulta de sua tentativa de elaborar um método de agricultura racional, mas de sua vontade, mais simples e mais fundamental, de libertar “tudo o que vive, tudo o que é sensível e sofre com a injustiça, com a iniquidade, com o abuso, com a perversão dos humanos”⁴². Elas desenham, contudo, os contornos de uma ética da relação com o meio natural fundamentada na recusa da dominação do ser humano e na busca de um equilíbrio harmônico com a natureza, que seria possível classificar retrospectivamente como ecologista.

³⁹ Louis Rimbault, *Le grand problème naturiste: se libérer sans délai dans un jardin, guide complet de jardinage naturiste, selon les méthodes expérimentées par l'École de pratique végétalienne et de retour à la terre*, Luynes, Éditions de Terre Libérée, s. d., p. 2, 3 e 10.

⁴⁰ Louis Rimbault, *Secrets bienfaits de la maladie...*, *op. cit.*, p. 59.

⁴¹ *Ibid.* e *id.*, *Plantes sauvages alimentaires*, Luynes, Éditions de Terre Libérée, s. d.

⁴² *Id.*, *Le problème de la viande*, art. citado, p. 11.

Mais sistematicamente presente nos escritos de Rimbault, a questão das relações com o mundo animal inspirou-se na mesma recusa de toda dominação. Ele motiva, em primeiro lugar, a rejeição do consumo de carne, que Rimbault qualifica como “regime cadavérico” e que resulta, segundo ele, do assassinato dos bichos. Do mesmo modo, a vivissecção e mais amplamente toda forma de violência exercida para com os animais é, segundo ele, criminal⁴³. De maneira mais fundamental, o vegetarianismo denuncia todo uso de recursos animais como uma forma de exploração. Assim, a criação de animais é associada a uma escravização e o consumo de leite e de ovos a um roubo. Rimbault não para, contudo, nessa reivindicação simples e radical da supressão de toda subjugação humana para com os demais animais. Sua crítica faz-se por vezes mais precisa e assinala a integração crescente da agricultura nos circuitos da indústria alimentícia que submete os animais a lógicas de produtividade sempre mais intensa. Assim, o erro do vegetarianismo, que subsiste, segundo Rimbault, como “ideal que para a meio caminho da verdade”, não é somente o de permitir “que se defraude o ninho da galinha”, mas também o de tornar-se cúmplice de um sistema “que industrializa vidas sequestradas, das quais, no final das contas, e fatalmente, será comercializada a carne; que exige a industrialização de produtos, obtidos ou não de animais maltratados, muito frequentemente mal alimentados, mal cuidados”. A seu ver, a alienação dos animais na produção industrial anunciava “a proletarização da humanidade das pessoas e dos bichos” pelo “culto das falsas necessidades” e a vontade de “satisfazer a exigências que extrapolam os meios de ação do ser humano”⁴⁴. De modo ainda mais grave, por sua submissão às lógicas da produção industrial, o animal é espoliado de sua própria natureza: “Mas, pelo caminho que segue a humanidade, dando aos animais – todos herbívoros, sequestrados nos estábulos, nas coelheiras, nas granjas, nos aviários –, alimentos industrializados feitos de sangue animal, de resíduos de carnes diversas, não acontecerá de não se encontrar mais um único herbívoro vivo?” E Rimbault conclui que “a obra da civilização é uma obra de ‘desnaturalização’⁴⁵”. Sua sensibilidade particular à dignidade animal e sua concepção da natureza como uma ordem harmônica à qual o ser humano deve

⁴³ *Ibid.*

⁴⁴ *Id.*, *Secrets bienfaits de la maladie...*, *op. cit.*, p. 50 e 48.

⁴⁵ *Id.*, *Les origines de la vie humaine...*, *op. cit.*, p. 7 e 9.

submeter-se para viver são e feliz conduzem-no assim a denunciar como fraudes antinaturais as técnicas da agricultura moderna, e em especial as práticas que dificilmente seriam tidas como antinaturais⁴⁶.

Enfim, Rimbault opõe à harmonia da natureza todo o horror da civilização industrial e urbana. Apropriando-se dos refrões da retórica antimoderna, ele começou a contestar a validade da noção de progresso: “Eu o vejo, o progresso, com seus acidentes, seus desentendimentos, suas fúrias, suas catástrofes, seus vulcões e os loucos que ele coloca na condução de suas máquinas escravagistas e trituradoras de humanos. Eu o vejo, o progresso, com suas mortes incontáveis, favorecendo, equipando, cultivando a guerra nas hecatombes cada vez mais imensas”⁴⁷. E insistiu, em várias ocasiões, sobre os estragos da civilização moderna, tais como a proletarização dos trabalhadores pelo taylorismo, a aparição e o desenvolvimento de novas doenças e, sobretudo, a perpétua insatisfação do ser humano contemporâneo que, apesar dos desenvolvimentos de suas ciências, não consegue alcançar a felicidade e a saúde⁴⁸. Aqui o vegetalismo aparece ainda, segundo Rimbault, como o mais certo meio de resolver esses males e de mostrar à humanidade as condições de uma vida regenerada em um ambiente harmônico.

Ao fim deste estudo, impõe-se uma primeira constatação: a história dessas colônias vegetarianistas é evidentemente a história de insucessos. Nem Butaud em sua comunidade libertária de Bascon, nem Rimbault em sua cidade vegetarianista de Luynes conseguiram suscitar a criação de comunidades sustentáveis que apresentassem uma envergadura um pouco significativa. O abismo que separa os projetos utópicos que Rimbault construiu quando fundou a Terre Libérée e a realidade da vida que ele acabou conduzindo, paraplégico, abandonado por todos, tendo por última companheira uma deficiente mental vinte cinco anos mais nova, poderia passar-se por uma farsa se fosse omitido o lado trágico. No entanto, apesar de seus efetivos sempre muito reduzidos, é necessário admitir que essas colônias

⁴⁶ No início dos anos 2000, quando eclodiu “o caso da vaca louca” e os efeitos da alimentação por farinhas animais foram estabelecidos, diversos meios de comunicação desenterraram uma palestra de Rudolf Steiner, fundador da antroposofia, proferida em janeiro de 1923 e que denunciava igualmente essa maneira de alimentar os animais domésticos.

⁴⁷ Louis Rimbault, *Secrets bienfaits de la maladie...*, op. cit., p. 55.

⁴⁸ Por exemplo, *id.*, *Les origines de la vie humaine...*, op. cit., p. 15 e 23.

deixaram uma certa marca na cultura libertária de seu tempo. Pelos artigos que lhes foram dedicados na época de sua fundação, mas também graças à intensa atividade propagandista que Butaud e Rimbault incansavelmente empreenderam, as experiências conduzidas em Bascon e na Terre Libérée obtiveram um eco considerável nos meios anarquistas. Recebendo ininterruptamente companheiros de passagem, vindos pelo repouso em uma estadia mais ou menos longa no campo, as duas colônias acabaram por aparentar-se com espécies de albergues da juventude ou com assentamentos anarquistas. Se eles não conseguiram converter o mundo anarquista ao vegetalismo, ao menos Rimbault e Butaud ativamente contribuíram para difundir a sensibilidade naturista nos meios libertários do entreguerras. Assim, pode-se supor que, para inúmeros militantes, a renúncia – mais ou menos estrita – ao álcool, ao tabaco e à carne e a prática regular de acampamento e de excursões na natureza resultaram, ao menos em parte, da obstinação dos apóstolos do vegetalismo⁴⁹.

A questão levantada, enfim, é de saber em qual medida Louis Rimbault pode ou não ser considerado um precursor do ecologismo anarquista. Dois elementos, pelo menos, parecem ir ao encontro dessa tese. Em primeiro lugar, já destacamos, ele nunca teceu a menor relação com os meios nos quais despontará posteriormente a ecologia política. Em toda sua vida, Rimbault permaneceu alheio ao mundo da ecologia científica – tendo sido sua cultura de autodidata extraída de uma outra fonte, a da literatura médica e higienista – bem como ao dos debates sobre as políticas públicas de proteção da natureza, provavelmente porque, como bom anarquista, a ideia de militar em favor de uma política estatal era-lhe estranha.

Em segundo lugar, seu programa de libertação integral de animais humanos e não-humanos pelo vegetalismo, pelo retorno à terra e pela busca da harmonia com a natureza foi em vão. As teses que ele desenvolvia por meio de seus folhetos não eram reproduzidas por ninguém e nenhuma corrente ou grupo constituído deu-lhe eco⁵⁰. Rimbault foi ao mesmo tempo o fundador de uma colônia que recebia

⁴⁹ As práticas naturistas foram assim evocadas por vários militantes antigos de Lyon dos quais Claire Auzias colheu os depoimentos. Alguns citaram explicitamente o exemplo de Butaud. Claire Auzias, *Mémoires libertaires: Lyon 1919-1939*, Paris, L'Harmattan, 1993, p. 236-244.

⁵⁰ Diferentemente da antroposofia, por exemplo, que, embora muito confidencial, perpetua a obra de Rudolf Steiner.

visitantes sem que ninguém nunca tivesse a tentação de fixar-se definitivamente e um teórico que multiplicou as palestras e os folhetos sem nunca ter conseguido converter seus leitores e seus ouvintes ao ponto de fazê-los adeptos de seu sistema. Nada de sua obra teórica e prática devia sobreviver; de modo que, quando os anarquistas franceses, vinte e cinco anos após sua morte, começaram a preocupar-se com ecologia política, sua memória estava suficientemente apagada para alguém preocupar-se em exumar seus textos. Esses últimos, no entanto, abordavam algumas temáticas que realmente tornaram-se preocupações centrais da ecologia contemporânea. A construção confusa, a escrita por vezes vaga de seus folhetos e a radicalidade frequentemente caricatural de suas teses explicam em parte esse esquecimento. Mas, sob muitos aspectos, Louis Rimbault parece ser, apesar de tudo, a vanguarda do ecologismo anarquista. Ele explorou novos caminhos com determinação, mas sozinho e com os meios intelectuais e materiais limitados que sua condição impôs-lhe. Como todas as vanguardas, ele abriu frestas e traçou rastros que, para alguns, eram vãos, mas que, para outros, revelaram-se fecundos. Todavia, quando sua fecundidade foi reconhecida, Rimbault estava já morto e esquecido.

**Professor associado de História Contemporânea,
Centre de Recherche en Histoire Européenne Comparée (CRHEC),
Universidade Paris-Est Créteil (UPEC).*

4. Comentários de tradução

Durante o percurso desta tradução, como é de praxe no ofício, fui me deparando com inúmeros desafios tradutórios, sendo a maioria de natureza terminológica. No entanto, algumas escolhas tomadas voltaram-se mais para a experiência dos leitores e sua consequente assimilação do texto.

Desse modo, optei por manter em francês e/ou em inglês os títulos das obras citadas, pelo fato de que nenhum desses textos foi traduzido para o português, então, caso os leitores tenham interesse de entrar em contato com esse material, o título original é mais efetivo para potenciais pesquisas. Ainda assim, em alguns nomes (como os de periódicos, de organizações etc.), mesmo mantendo em francês, optei por capitalizar todas as letras iniciais, para se adequar a uma leitura mais natural e confortável para o público lusófono, visto que títulos com apenas a primeira inicial capitalizada – tão comum nos títulos em francês – podem causar estranhamento e incompreensão a muitos leitores.

Outra escolha que tomei foi a de escrever os nomes de todos os autores citados com seus prenomes e sobrenomes, para ficar mais evidente de quem se trata, posto que, como as teorias anarquistas representam um nicho não muito bem explorado fora da militância, muitos autores são praticamente desconhecidos pela maioria das pessoas – mesmo no meio acadêmico. E o texto original em francês apresentou muitos desses autores, mesmo ao citá-los pela primeira vez, usando apenas seus sobrenomes, como que partindo do pressuposto de que tais nomes são de conhecimento implícito para quem estiver lendo o artigo. Como minha principal premissa ao traduzir é a democratização dos saberes, penso que é necessário partir de uma perspectiva naturalizadora em muitos momentos. A única exceção está nos casos de Bakunin e Kropotkin, que são dois dos maiores pensadores anarquistas, já bastando assim seus sobrenomes para o reconhecimento imediato.

Também optei por substituir no texto todos os usos do presente histórico ou narrativo pelo pretérito perfeito ou alguma outra conjugação que soasse mais orgânica para cada caso. A razão disso foi tentar remover toda brecha de ambigüidade possível, visto que na língua portuguesa o uso desse recurso narrativo não é tão espontâneo e recorrente quanto na língua francesa.

A seguir, serão elencados alguns dos desafios encontrados na tradução, apresentando a primeira incidência de cada termo, expressão ou construção textual, com os trechos do texto de partida e do texto de chegada espelhados para um adequado cotejamento:

4.1. Végétalisme

Trecho original (p. 48)	Versão traduzida (p. 16)
“Aux sources de l’écologisme anarchiste : Louis Rimbault et les communautés végétaliennes en France dans la première moitié du XXe siècle”	“Nas origens do ecologismo anarquista: Louis Rimbault e as comunidades vegetalistas da França na primeira metade do século XX”

Já no título da obra, há um termo que merece atenção, pois o conceito é amplamente desconhecido mesmo nos círculos anarquistas, naturistas e vegetarianos. Trata-se do termo “*végétalisme*”, usado originalmente em língua francesa, mas presente no léxico lusófono e formalmente dicionarizado em português brasileiro como “vegetalismo”.

No caso, “vegetalismo” é um termo usado para referir-se ao que no contexto luso-brasileiro da causa abolicionista é mais conhecido como “vegetarianismo estrito”. E não deve ser confundido com “*végétarisme*”, que se refere ao vegetarianismo habitual – restrição ao consumo de carnes – já tão disseminado e que, para quem é familiarizado com a temática, é mais conhecido como “ovolactovegetarianismo”; isto é, o regime alimentar que, além de vegetais, inclui ovos, leites, laticínios e, em muitos casos, outros produtos de origem animal. Em português, existe também o sinônimo “vegetarismo”, mas é tão desconhecido quanto o termo “vegetalismo”. É muito provável que essas duas palavras sejam galicismos que não se popularizaram, contudo, ambas constam em algumas obras da literatura especializada e nos dicionários de língua portuguesa.

Há ainda mais um conceito importante a ser levado em consideração, que está diretamente relacionado a todos os outros, mas cujo significado é distinto dos anteriores: o termo “veganismo”, que diz respeito a uma filosofia e um modo de vida,

não apenas a um regime alimentar. E a importância de fazer essas distinções é que, no início dos movimentos vegetarianos, alguns desses conceitos não estavam muito bem definidos e, como pode-se observar no artigo do prof. Baubérot, o termo “*végétalisme*” acaba sendo empregado quase como sinônimo de “veganismo”, não se limitando apenas à alimentação vegetariana e, ainda assim, explicitando as diferenças entre as ideias do movimento vegetarianista àquela época e as do movimento vegano atual, que surgiu algumas décadas depois. Devido a todas essas nuances semânticas e ideológicas, optei por manter o termo “vegetalista”, em vez de “vegetariano estrito” ou mesmo “vegano”, para marcar o aspecto anacrônico do conceito e manter a identidade da bandeira que era levantada na época de Rimbault.

4.2. Naturisme

Trecho original (p. 50)	Versão traduzida (p. 18)
“Il reste néanmoins que le milieu rural fut conçu par les militants anarchistes naturistes comme le lieu le plus propice à la régénération à laquelle ils aspiraient et à un mode de vie préfigurant l’idéal social pour lequel ils luttèrent.”	“O fato é que, entretanto, o meio rural foi concebido pelos militantes anarquistas naturistas como o lugar mais propício à regeneração à qual aspiravam e a um modo de vida que prefigura o ideal social pelo qual lutavam.”

Outra distinção a ser abordada diz respeito ao termo “naturismo”, que no Brasil muitas vezes tem sido sinônimo de “nudismo”. Ademais, não se deve confundir com a palavra “naturalismo”, usada para designar o movimento artístico da segunda metade do século XIX e para apontar também um dos elementos da metodologia científica que entrou em vigor na primeira metade do século XX. Quanto ao nudismo, a confusão se dá porque essa prática em específico costuma ser adotada por muitos naturistas mundo afora, mas não são necessariamente sinônimos. O nudismo é um dos elementos do naturismo, enquanto o segundo envolve também códigos éticos e comportamentais, regimes alimentares e tantas outras práticas que visam a uma aspirada e idealizada aproximação do ser humano com a natureza, com o que é tido como “natural”. O próprio artigo cita a nudez uma

única vez, quando comenta sobre a prática de tomar sol sem roupa com o intuito de nutrir e fortalecer os corpos.

4.3. Première Guerre mondiale

Trecho original (p. 49)	Versão traduzida (p. 17)
“Dans sa thèse consacrée à l’anarchisme individualiste en France avant la Première Guerre mondiale , il a montré comment l’essor du naturisme libertaire s’est inscrit dans le contexte d’une évolution conduisant les individualistes à se détourner de l’action politique <i>stricto sensu</i> pour s’engager sur le terrain de la contestation des pratiques sociales et culturelles dominantes.”	“Em sua tese dedicada ao anarquismo individualista na França antes da Primeira Grande Guerra , ele mostrou como a ascensão do naturismo libertário estava inscrita no contexto de uma evolução que conduziu os individualistas a desviarem-se da ação política <i>stricto sensu</i> para engajarem-se no terreno da contestação das práticas sociais e culturais dominantes.”

Algumas decisões tomadas foram de cunho deliberadamente ideológico, as quais considero necessárias para tornar a linguagem do texto mais próxima de como a militância anarquista e principalmente vegana comunica suas ideias e seus ideais. Uma dessas alterações foi traduzir “*Première Guerre mondiale*” como “Primeira Grande Guerra”, partindo da discussão recorrente nas ciências humanas quanto à visão eurocêntrica de que essa e a segunda guerra – ambas originadas e travadas na Europa – foram de proporções mundiais, quando, na realidade, muitos países de outros continentes não se posicionaram e não participaram.

Como todas as correntes anarquistas partem, fundamentalmente, de pressupostos internacionalistas e/ou antinacionalistas, convém posicionar-se tacitamente quanto ao belicismo compulsório e ao viés historiográfico que sintetiza a história da Europa como sendo a história de toda a humanidade, de todas as etnias e de todas as culturas do planeta.

4.4. Homme

Trecho original (p. 48)	Versão traduzida (p. 16)
“Bien que plus controversés au sein même de la nébuleuse libertaire, le mouvement antispéciste et sa revendication de la « libération animale » montrent également que la relation de l' homme à la nature peut être envisagée, au même titre que les questions politiques, économiques ou sociales, à partir du principe du refus radical de toute forme de domination.”	“Embora controversos no âmbito da própria nebulosa libertária, o movimento antiespecista e sua reivindicação pela “libertação animal” mostram igualmente que a relação do ser humano com a natureza pode ser pensada, assim como as questões políticas, econômicas ou sociais, a partir do princípio da recusa radical de toda forma de dominação.”

Outro ponto levado em consideração foi passar a palavra “*homme*” para a expressão “ser humano” ou termos semelhantes, igualmente neutros e inclusivos – como “humano(s)”, “humanidade” etc. –, com a finalidade de romper com a normatividade patriarcal que naturaliza o uso do “masculino universal” para representar e definir toda a humanidade, generificando o coletivo da espécie humana em detrimento da diversidade e da equidade de gêneros.

4.5. De l'homme et de l'animal

Trecho original (p. 63)	Versão traduzida (p. 31)
“En second lieu, son programme de libération intégrale de l'homme et de l'animal par le végétalisme, par le retour à la terre et la recherche de l'harmonie avec la nature, est resté lettre morte.”	“Em segundo lugar, seu programa de libertação integral de animais humanos e não-humanos pelo vegetarianismo, pelo retorno à terra e pela busca da harmonia com a natureza foi em vão.”

Além da tentativa de remoção do sexismo lingüístico, outro esforço foi para remover ou atenuar o viés especista do texto – viés esse compreensível, visto que o autor aparentemente pesquisa sobre anarquismo e causa animal, mas não compartilha desses mesmos pressupostos ideológicos. E em um texto que trata exatamente da libertação animal, penso que é necessário deixar melhor marcado

esse aspecto antiespecista. Assim, a tradução constante na tabela acima recorre exatamente ao mesmo jargão característico da militância vegana: “animais humanos e não-humanos”.

4.6. L’espèce humaine et les espèces animales

Trecho original (p. 48)	Versão traduzida (p. 16)
“le fait d’établir des distinctions de droits et de dignité entre l’espèce humaine et les espèces animales ”	“o ato de estabelecer distinções de direitos e de dignidade entre a espécie humana e as outras espécies animais ”

Do mesmo modo, esse último trecho foi traduzido como apresentado na tabela para igualmente pontuar o fato de que humanos são apenas uma dentre as incontáveis espécies presentes no reino Animalia. Essa horizontalidade entre as espécies é o ponto central dos argumentos em favor da causa animal, então, é imprescindível buscar manter o diálogo, enquanto texto político – e não somente acadêmico/científico –, com os potenciais leitores veganarquistas.

4.7. Milieu libre

Trecho original (p. 50)	Versão traduzida (p. 18)
“D’une part, les fondateurs de milieux libres anarchistes n’ont jamais présenté leurs initiatives comme des entreprises visant à retrouver un cadre de vie respectueux de l’environnement.”	“Por um lado, os fundadores de comunidades anarquistas nunca apresentaram suas iniciativas como projetos visando a encontrar um modo de vida que respeite o meio ambiente.”

Outra expressão com que me deparei foi “*milieu libre*”, cujo conceito permite algumas traduções possíveis, mas cujo significado no contexto do artigo é exclusivamente “comunidade libertária”, “colônia libertária” ou mesmo “comuna libertária”. No âmbito libertário, seja anarquista ou comunista, “*milieu libre*” é o nome que se dá às comunidades horizontalizadas, autogestionadas e de natureza

laboratorial que grupos militantes arquitetam para pôr em prática as teorias que fundamentam suas convicções e para, desse modo, exercitar e implantar a práxis necessária para a construção revolucionária.

Para reiterar, optei por padronizar como “comunidade libertária” porque “colônia” pode referir-se a um conceito específico à parte – o próprio texto cita a tese de doutorado de Céline Beaudet chamada “*Milieus libres et colonies dans le mouvement anarchiste français des années 1890 aux années 1930*”, implicando uma distinção entre os dois termos – e “comuna” é um termo relativamente vago, já carregado de ideias e pressuposições implícitas, devido ao uso indiscriminado nos meios revolucionários (talvez pela fácil associação com a Comuna de Paris e também com a palavra “comunismo”).

4.8. Nébuleuse

Trecho original (p. 48)	Versão traduzida (p. 16)
“Bien que plus controversés au sein même de la nébuleuse libertaire, le mouvement antispéciste et sa revendication de la « libération animale » montrent également que la relation de l’homme à la nature peut être envisagée, au même titre que les questions politiques, économiques ou sociales, à partir du principe du refus radical de toute forme de domination.”	“Embora controversos no âmbito da própria nebulosa libertária, o movimento antiespecista e sua reivindicação pela “libertação animal” mostram igualmente que a relação do ser humano com a natureza pode ser pensada, assim como as questões políticas, econômicas ou sociais, a partir do princípio da recusa radical de toda forma de dominação.”

Outro empecilho foi o termo “*nébuleuse*”, cuja acepção precisa não encontrei em local algum na Internet, mesmo pesquisando por variações das expressões usadas no texto, em francês, em português e também em inglês. Contudo, com base em algumas leituras, pude deduzir que o significado no texto é algo próximo de “movimento”, no sentido de conjunto de indivíduos organizados em prol de uma causa, de uma pauta, de uma luta. Assim sendo, para manter a consistência do termo e sabendo que o uso de “nebulosa anarquista” e/ou “nebulosa libertária” é recorrente em diversos textos em português, preferi manter “nebulosa”.

4.9. Relayer

Trecho original (p. 52)	Versão traduzida (p. 20)
“La recherche des implications pratiques de cette morale naturelle conduit une partie des individualistes à s’intéresser aux recommandations formulées à la même époque par des médecins naturistes et dont les thèses sont activement relayées par la Société végétarienne de France.”	“A busca pelas implicações práticas dessa moral natural conduziu uma parte dos individualistas a interessar-se pelas recomendações formuladas na mesma época por médicos naturistas cujas teses foram ativamente reproduzidas pela Sociedade Vegetariana Francesa.”

Um verbo que mostrou-se obscuro e irresoluto durante a tradução foi o particípio “*relayées*”. Em uma primeira leitura, por mera incompreensão do sentido desse termo no trecho exposto, optei por traduzir como “substituídas”, para preservar a denotação original, que minha observação não foi capaz de assimilar, e deixar em aberto as possíveis conotações. Porém, repensando as alternativas, decidi utilizar o verbo “reproduzir”, pois, de acordo com o dicionário do Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales (CNRTL), uma acepção possível para “*relayer*” é “*retransmettre*”. Como “retransmitir” não soaria muito natural no contexto destacado, “reproduzir” pareceu-me a opção mais plausível e precisa.

4.10. Construções mais complexas

Trecho original (p. 61)	Versão traduzida (p. 29)
“Sa sensibilité particulière à la dignité animale et sa conception de la nature comme un ordre harmonieux auquel l’homme doit se soumettre pour vivre sain et heureux le conduisent ainsi à dénoncer comme des fraudes contre-nature les techniques de l’agriculture moderne, et notamment des pratiques qui ne le sont alors que rarement .”	“Sua sensibilidade particular à dignidade animal e sua concepção da natureza como uma ordem harmônica à qual o ser humano deve submeter-se para viver são e feliz conduzem-no assim a denunciar como fraudes antinaturais as técnicas da agricultura moderna, e em especial as práticas que dificilmente seriam tidas como antinaturais .”

Além de termos específicos, também esbarrei em expressões idiomáticas e sentenças cujos sentidos mostraram-se de difícil descortino, como no caso acima, cuja construção “*ne le sont alors que rarement*” fez com que eu me debruçasse nesse ponto da tradução por um tempo considerável, exigindo que eu buscasse pareceres alheios para possíveis “re/soluções”. No final das contas, após muitas interpretações e conjecturas, optei por “e em especial as práticas que dificilmente seriam tidas como antinaturais” que me pareceu a possibilidade mais próxima do sentido original e cuja construção soa-me mais fluida.

Trecho original (p. 56)	Versão traduzida (p. 24)
“Mais ces querelles de chapelle ne l’empêcheront pas de continuer à reconnaître en Butaud son « maître en végétalisme ».”	“Mas essas dissidências sectárias não o impediram de continuar reconhecendo Butaud como seu “mestre de vegetalismo”.”

Quanto às expressões idiomáticas, uma que me rendeu longa reflexão foi “*querelle de chapelle*”, cuja acepção, segundo o Wiktionnaire (única fonte que encontrei), é a seguinte: “conjunto de ciúmes e lutas por motivos fúteis entre pessoas ou grupos de pessoas” (tradução minha). Assim, cheguei à tradução “dissidências sectárias”, pelo desconhecimento de uma expressão idiomática “equivalente” na cultura brasileira, mas buscando uma construção que transmitisse uma ideia semelhante à da expressão original e sem denotar uma grande animosidade entre os dissidentes em questão.

Trecho original (p. 55)	Versão traduzida (p. 22)
“Certes, il s’agit de faire contre mauvaise fortune bon cœur et les deux couples installés à Bascon mènent à cette époque une vie extrêmement fruste, qui confine parfois à la survie.”	“Certamente, para não se darem por vencidos , os dois casais instalados em Bascon conduziram nessa época uma vida extremamente rudimentar, que os relegava por vezes à mera sobrevivência.”

Já para a expressão “*faire contre mauvaise fortune bon cœur*”, encontrei no Dicionário de Expressões Idiomáticas da UNESP – que oferece traduções e definições de expressões idiomáticas do português do Brasil e de Portugal e do francês da Bélgica, do Canadá e da França –, a tradução “fazer o jogo do contente”, que eu desconhecia até então e, exatamente por isso, preferi traduzir o trecho como acima destacado, de modo a soar mais corrente e corriqueiro.

5. Considerações finais

Observando o trajeto trilhado até aqui, é instigante contemplar os fractais de possibilidades que se ramificaram no decurso da tradução, das investigações, das análises, das hipóteses e da escrita deste trabalho. Muitas foram as reflexões, as considerações e as ponderações. E a convicção que prevalece é a de que esta tradução foi a desbravadora de um projeto exploratório mais amplo, que se estenderá indefinidamente, norteado pela mesma diretriz de partilha dos conhecimentos e de expansão dos debates políticos.

Para tal êxito, foi necessário primeiro organizar os elementos adequados para uma edificação consistente deste trabalho de conclusão de curso. Além do esforço tradutivo, que rendeu uma abrangente análise sobre os mais diversos aspectos, houve ainda o exercício de assimilação do arcabouço teórico anarquista para as análises conduzidas, além da imprescindível pesquisa para a análise textual. A comunhão de todas essas atividades permitiram, ao final, desenvolver a tessitura de todas as concepções e conjecturas abordadas aqui.

Embora muitas questões permaneçam inconclusivas e talvez insolúveis, penso que são a abertura e a incerteza que constroem a densidade e a profundidade de uma obra, de uma proposição, de uma visão de mundo. Fundamentais de fato são as rotas pelas quais as ideias seguem – ou deixam de seguir. E é com este olhar idealista que aproveito para retomar alguns pontos levantados neste projeto.

Tendo perpassado, essencialmente, por uma análise textual e teórica, ao percorrer sobre alguns aspectos da teoria anarquista e sobre alguns aspectos da análise textual, é sempre pertinente considerar a subjetividade com que uma tradução é elaborada. Os pressupostos teóricos, ideológicos e mesmo emocionais e psicossomáticos estão implicados nos frutos desse ofício. Portanto, toda tradução será um reflexo das identidades subjacentes do tradutor.

Assim, tendo realizado tais análises, é possível apreender que minha tradução passou por filtros que guiaram minha leitura e minha escrita por vieses ideológicos, identitários, cosmológicos. Profícuas não somente para as observações do texto-alvo em si, essas análises ajudam a identificar elementos extra e supratextuais tanto de textos-alvo quanto de textos-fonte. Logo, esses elementos

acabam reverberando, no caso deste trabalho, nos comentários de tradução que foram abordados. Muito do que foi destacado passou, necessariamente, por angulações ideológicas e relativas à minha identidade enquanto veiculador e coautor de qualquer que seja a mensagem.

Por fim, nada mais apropriado que concluir este trabalho com um poema confluyente com as centelhas aqui acesas. Muito reproduzido por libertários e progressistas da América Latina, *¿Para que sirve la utopía?* foi escrito por Fernando Birri e parafraseado por Eduardo Galeano na obra *Las palabras andantes*. Este poema tem corrido o mundo e sido entoado como mantra revolucionário há décadas. E é com a mesma aspiração utópica que busco arrematar a contextura deste trabalho. Que a memória de todos esses que lutaram por um mundo mais colaborativo e menos predatório – como Rimbault, Oiticica, Birri, Galeano etc. – permaneça viva e vívida no coração de todos os povos que se corresponsabilizam pelo futuro. Que a esperança por uma comunhão étnica, internacional, interespécie e supracosmológica possa conduzir a humanidade ao equilíbrio harmônico pelo qual clama este planeta.

Ella está en el horizonte. Me acerco dos pasos, ella se aleja dos pasos. Camino diez pasos y el horizonte se corre diez pasos más allá. Por mucho que yo camine, nunca la alcanzaré. ¿Para que sirve la utopía? Para eso sirve: para caminar. (GALEANO, 1994, p. 310).

6. Referências

6.1 Referências bibliográficas

BAUBÉROT, Arnaud. Aux sources de l'écologisme anarchiste: Louis Rimbault et les communautés végétaliennes en France dans la première moitié du XXE siècle. **Le Mouvement Social**, Paris, n. 246, p. 63-74, 2014. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-le-mouvement-social-2014-1-page-63.htm>>.

CHOMSKY, Noam. **Notas sobre o anarquismo**. Tradução de Felipe Corrêa, Bruna Mantese, Rodrigo Rosa e Pablo Ortellado. São Paulo: Editora Hedra, 2011.

GALEANO, Eduardo. **Las palabras andantes**. Tres Cantos: Siglo XXI Editores, 1994.

MALATESTA, Errico. **Escritos revolucionários**. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Hedra, 2007.

NORD, Christiane. **Análise textual em tradução**: bases teóricas, métodos e aplicação didática. Tradução de Meta Elisabeth Zipser. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016.

6.2 Referências complementares

BAKUNIN, Mikhail. **Deus e o Estado**. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora, 2014.

BAKUNIN, Mikhail. **O princípio do Estado e outros ensaios**. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Hedra, 2011.

BOOKCHIN, Murray. **Anarquismo, crítica e autocrítica**. Tradução de Felipe Corrêa e Alexandre B. de Souza. São Paulo: Editora Hedra, 2010.

COSTA, Caio Túlio. **O que é anarquismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

GOLDMAN, Emma. **O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios**. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Hedra, 2007.

COÊLHO, Plínio A. (org.). **História do anarquismo**. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias; Editora Imaginário, 2008.

KROPOTKIN, Piotr. **O princípio anarquista e outros ensaios**. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Hedra, 2007.

NACONECY, Carlos. **Ética & animais**: um guia de argumentação filosófica. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

NETTLAU, Max. **História da anarquia**: das origens ao anarco-comunismo. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Hedra, 2014.

RECLUS, Élisée. **Anarquia pela educação**. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Hedra, 2011.

SINGER, Peter. **Libertação animal**. Tradução de Marly Winckler e Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

THOREAU, Henry David. **A desobediência civil**. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Penguin – Companhia das Letras, 2012.

ZERZAN, John. **Futuro primitivo**. Tradução de António Luís Catarino. Porto: Deriva Editores, 2007.

6.3 Referências eletrônicas

FAIRE contre mauvaise fortune bon coeur. In: DICIONÁRIO de Expressões Idiomáticas. São Paulo: IBILCE-UNESP, 2013. Disponível em: <<http://www.deipf.ibilce.unesp.br>>. Acesso em: set. 2019.

QUERELLE de chapelle. In: WIKTIONNAIRE. [S.l.]: Wikimedia Project, 2018. Disponível em: <<https://fr.wiktionary.org>>. Acesso em: set. 2019.

RELAYER. In: PORTAIL lexical. Nancy: ATILF/CNRTL, 2012. Disponível em: <<https://www.cnrtl.fr/definition/>>. Acesso em: set. 2019.

7. Anexo

Aux sources de l'écologisme anarchiste : Louis Rimbault et les communautés végétaliennes en France dans la première moitié du XXe siècle

*par Arnaud Baubérot**

«La question écologique, avec celle de la révolution sociétale, est au centre des préoccupations théoriques et pratiques du mouvement anarchiste », affirme une note parue dans *Le Monde libertaire* en janvier 2011⁵¹. De fait, les liens qui unissent le militantisme anarchiste à la cause écologiste⁵² semblent aujourd'hui si évidents que la participation d'activistes libertaires à des opérations comme les fauchages de champs expérimentaux d'OGM, les manifestations contre l'exploitation du gaz de schiste ou, récemment, l'occupation du site dédié à la construction de l'aéroport de Notre-Dame des Landes n'est un sujet d'étonnement pour personne. Du point de vue de ces militants, la dénonciation des atteintes faites à l'environnement et à la qualité de vie s'insère d'ailleurs aisément dans la rhétorique de contestation de l'ordre capitaliste et étatiste. Bien que plus controversés au sein même de la nébuleuse libertaire, le mouvement antispéciste et sa revendication de la « libération animale »⁵³ montrent également que la relation de l'homme à la nature peut être envisagée, au même titre que les questions politiques, économiques ou sociales, à partir du principe du refus radical de toute forme de domination.

Dans un article récent, Philippe Buton souligne pourtant que dans les années 1970, au moment où se forgeait une écologie politique et que des liens

⁵¹ Note du comité de rédaction du *Monde libertaire* en introduction à un article de V. Gerber, « Les trois facettes de l'écologie sociale », *Le Monde libertaire*, n°1619, 20-26 janvier 2011, <http://www.monde-libertaire.fr/ecologie/14178-les-trois-facettes-de-lecologie-sociale>.

⁵² L'adjectif est employé ici pour qualifier l'engagement politique en faveur du respect, de la protection et de la restauration de l'environnement naturel et contre la dégradation des milieux de vie humains. Le substantif « écologisme » désigne cette forme de militantisme.

⁵³ Né dans les années 1970, le mouvement antispéciste entend lutter contre l'exploitation et la violence envers les animaux. Plus généralement, il dénonce le « spécisme » – le fait d'établir des distinctions de droits et de dignité entre l'espèce humaine et les espèces animales – comme une forme de discrimination tout aussi condamnable que le racisme ou le sexisme.

commençaient à être tissés avec l'extrême gauche, les organisations anarchistes ne se sont montrées que tardivement et faiblement sensibles à ces préoccupations⁵⁴. Un rapide regard sur la place accordée à la sauvegarde de l'environnement et à ses enjeux politiques dans les colonnes du *Monde libertaire* suggère même le caractère très récent de cet intérêt : de 1974 à 1999, la revue n'a publié que neuf articles portant sur des questions écologiques⁵⁵, tandis que 65 l'ont été sur ce thème depuis 2000⁵⁶. Enfin, il faut souligner la quasi-absence de ces thématiques dans les ouvrages consacrés à l'histoire du mouvement libertaire en France, depuis la somme de Jean Maitron jusqu'à la synthèse récente de Philippe Pelletier, en passant par l'ouvrage de Jean Préposiet⁵⁷. Ainsi, en dépit des efforts déployés par quelques militants pour retrouver parmi les textes de Bakounine, Kropotkine ou Élisée Reclus les preuves d'une affinité ancienne entre anarchisme et préoccupations environnementales⁵⁸, on peut légitimement se demander si la rencontre entre le mouvement libertaire français et l'écologisme ne découle pas, de façon plus conjoncturelle, de la place qu'ont prise récemment ces préoccupations dans le débat public.

L'histoire des relations entre anarchisme et écologisme mérite toutefois d'être appréhendée dans un cadre plus vaste que celui de la naissance de l'écologie politique et du militantisme organisé en faveur de la défense de l'environnement. Il est en effet connu qu'à l'aube du XXe siècle, quelques poignées de militants se sont engagés dans la promotion du naturisme et ont conduit différents projets de retour à la nature. Gaetano Manfredonia s'est le premier intéressé à ce courant. Dans sa thèse consacrée à l'anarchisme individualiste en France avant la Première Guerre mondiale, il a montré comment l'essor du naturisme libertaire s'est inscrit dans le contexte d'une évolution conduisant les individualistes à se détourner de l'action

⁵⁴ Ph. Buton, « L'extrême gauche française et l'écologie, une rencontre difficile (1968-1978) », *Vingtième siècle. Revue d'histoire*, n°113, janvier-mars 2012, p. 197-198.

⁵⁵ Cinq articles entre 1974 et 1979, trois dans les années 1980 (dont deux en 1986, après la catastrophe de Tchernobyl), un seul au cours de la décennie 1990.

⁵⁶ Comptages effectués à partir des archives en ligne du *Monde libertaire*, <http://www.monde-libertaire.fr/ecologie>.

⁵⁷ J. Maitron, *Le mouvement anarchiste en France*, Paris, Gallimard, 1992 [Maspero, 1975] ; Ph. Pelletier, *L'anarchisme*, Paris, Le Cavalier bleu, 2010 ; J. Préposiet, *Histoire de l'anarchisme*, Paris, Fayard-Pluriel, 2012 [Taillandier, 2002].

⁵⁸ Par exemple, dès 1974, l'article de P. Pidutti, « Michel Bakounine penseur de l'écologie », *Le Monde libertaire*, n°205, octobre 1974, ou, plus récemment, la recension de textes effectuée par la bibliothèque libertaire en ligne *Bibliolib* (<http://kropot.free.fr/index3.htm#ECOLOGIE>).

politique *stricto sensu* pour s'engager sur le terrain de la contestation des pratiques sociales et culturelles dominantes⁵⁹. Dans la continuité de ses travaux, plusieurs recherches ont porté sur ce courant et sur sa pérennité dans l'entre-deux-guerres, notamment à travers les expériences de vie communautaires en milieu rural qu'il a suscitées⁶⁰. L'éventualité de leur dimension écologiste – c'est-à-dire d'un engagement de leurs membres en faveur de la protection ou de la restauration de l'environnement naturel – n'a cependant jamais été réellement envisagée, et ceci pour deux raisons. D'une part, les fondateurs de milieux libres anarchistes n'ont jamais présenté leurs initiatives comme des entreprises visant à retrouver un cadre de vie respectueux de l'environnement. L'implantation rurale répondait plutôt à la recherche d'un espace où se desserrerait l'emprise de l'État et du régime capitaliste, et où la vie en autarcie serait possible. Plus généralement, les problèmes liés à la dégradation du milieu naturel et la question de sa préservation semblent avoir peu préoccupé ces militants qui n'en ont jamais fait un thème majeur de leurs revendications. D'autre part, pour les théoriciens du naturisme libertaire, le terme de « nature » était employé moins pour évoquer le milieu naturel que pour désigner un principe normatif abstrait permettant d'opposer les « lois de la nature » à l'artificialité des coutumes et des lois de la société.

Il reste néanmoins que le milieu rural fut conçu par les militants anarchistes naturistes comme le lieu le plus propice à la régénération à laquelle ils aspiraient et à un mode de vie préfigurant l'idéal social pour lequel ils luttèrent. À ce titre, la dimension écologiste de leurs projets et de leurs réalisations mérite d'être questionnée afin de déterminer s'ils constituent, et dans quelle mesure, l'une des sources de l'écologie politique dans son versant libertaire. En d'autres termes, on peut se demander si les expériences conduites dans l'entre-deux-guerres par ces anarchistes naturistes ont permis ou non de jeter les bases d'un projet d'organisation

⁵⁹ G. Manfredonia, *L'individualisme anarchiste en France, 1880-1914*, thèse de 3e cycle, Institut d'études politiques de Paris, 1984.

⁶⁰ Je me permets de renvoyer à mon ouvrage : *Histoire du naturisme. Le mythe du retour à la nature*, Rennes, Presses universitaires de Rennes, 2004, p. 161-216, ainsi qu'aux travaux de T. Legendre, *Expériences de vie communautaire anarchiste en France, le milieu libre de Vaux, Aisne, 1902-1907, et la colonie naturiste et végétalienne de Bascon, Aisne, 1911-1951*, Paris, Les Éditions libertaires, 2006, et C. Beaudet, « Vivre en anarchiste ». *Milieux libres et colonies dans le mouvement anarchiste français des années 1890 aux années 1930*, doctorat d'histoire, Université Paris Ouest Nanterre, 2012.

sociale fondé sur un rapport à l'environnement naturel exempt de toute forme de domination. C'est cette démarche que nous proposons de suivre ici, en accordant une attention particulière au cas de Louis Rimbault et à ses diverses expériences de vie dans des communautés libertaires jusqu'à son décès en 1949.

Anarchisme individualiste et réforme des modes de vie

Né à Tours en 1877 dans une famille pauvre, Louis Rimbault ne rencontre le milieu libertaire que de façon relativement tardive. En 1908, installé depuis quelques années en région parisienne, il héberge son jeune frère Marceau, alors âgé de 19 ans, qui évolue dans les cercles anarchistes individualistes de la capitale. Louis, déjà trentenaire, fréquente alors cette nébuleuse dont il devient rapidement un militant actif⁶¹.

La rencontre de Louis Rimbault avec l'univers anarchiste individualiste n'a pas seulement déterminé sa conversion aux idées libertaires. Il est fort probable que ses convictions végétariennes, antialcooliques et antitabagiques ont été forgées au contact de ces militants dont une partie s'était déjà ralliée aux théories naturistes⁶². Au tournant du siècle en effet, le milieu anarchiste individualiste a connu une profonde mutation. La vague d'attentats du début des années 1890 a été suivie d'une répression féroce qui a entraîné la dissolution de la plupart des groupes et cercles d'étude qui structuraient jusqu'alors le militantisme libertaire. Par ailleurs, l'échec de la « propagande par le fait » a démontré la vanité de l'espoir d'une révolution provoquée par un soulèvement spontané des masses. Face à cette situation nouvelle, une grande partie du mouvement anarchiste se tourne vers le syndicalisme, dans lequel il trouve de nouvelles perspectives de lutte sociale et d'action révolutionnaire. Toutefois, l'essor de l'anarcho-syndicalisme laisse à ses marges quelques poignées de militants individualistes animés d'un commun rejet de toute forme d'organisation collective, ainsi que d'un mépris profond pour la classe ouvrière, jugée sans réelle volonté révolutionnaire et complice de son asservissement. Gaetano Manfredonia a montré comment la faillite de leurs

⁶¹ J. Maitron et C. Penneret (dir.), *Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier français*, 4e partie, t. 40, Paris, Les Éditions ouvrières, 1991, p. 57.

⁶² A. Baubérot, *Histoire du naturisme...*, op. cit., p. 197 et 200-201.

espérances révolutionnaires conduit ces individualistes à délaisser le terrain de la lutte politique et sociale pour se replier sur la question de l'émancipation individuelle par la réforme des modes de vie. La perspective d'un bouleversement de l'ordre social ne devient envisageable, à leurs yeux, que dans la mesure où il sera précédé d'un lent travail d'éducation visant à faire émerger un homme nouveau, véritablement affranchi de tout préjugé et de toute aliénation⁶³. Durant la décennie qui précède la Grande Guerre, ces militants concentrent alors leurs efforts sur la contestation des normes et des pratiques dominantes, dans des domaines aussi variés que ceux de la propriété, du régime matrimonial et de la sexualité, de l'alimentation ou de l'habillement. Cette contestation fonde sa légitimité sur la dénonciation du caractère irrationnel et artificiel des normes sociales et de la morale héritée du christianisme, et sur la recherche de nouvelles lignes de conduite rationnelles fondées sur les « lois de la nature »⁶⁴. Une sorte de néo-stoïcisme se diffuse ainsi au sein de l'anarchisme individualiste, sous l'influence, notamment, du philosophe libertaire Han Ryner qui, par ses ouvrages et ses conférences, alimente la réflexion théorique de nombreux militants⁶⁵.

La recherche des implications pratiques de cette morale naturelle conduit une partie des individualistes à s'intéresser aux recommandations formulées à la même époque par des médecins naturistes et dont les thèses sont activement relayées par la Société végétarienne de France. Le groupe de militants qui se rassemblent autour de Libertad et de son hebdomadaire *L'Anarchie*, fondé en 1905, dénonce ainsi l'alcool et le tabac comme des instruments d'aliénation auxquels se plie, de façon grégaire, le monde ouvrier. Il en va de même pour la consommation de viande, que Libertad désigne comme l'aliment qui nourrit les muscles des travailleurs et permet leur asservissement, faisant d'eux « des victimes qui se laissent nourrir du sang d'autres victimes »⁶⁶. Cofondateur de *L'Anarchie*, Lorulot présente pour sa part l'abstinence d'alcool comme une nécessité pour l'anarchiste, individu conscient qui

⁶³ G. Manfredonia, *L'individualisme anarchiste...*, op. cit., p. 220-240.

⁶⁴ La référence aux lois naturelles comme fondement de la contestation des lois sociales était déjà présente dans la littérature théorique anarchiste. On la trouve chez Bakounine, par exemple dans son ouvrage *Dieu et l'État*, préface de C. Cafiero et É. Reclus, Genève, Imprimerie jurassienne, 1882, p. 25-28.

⁶⁵ G. Manfredonia, *L'individualisme anarchiste...*, op. cit., p. 295-297.

⁶⁶ Propos de Libertad rapportés par A. Colomer dans « Le roman des "bandits tragiques" », *La Revue anarchiste*, n°12, décembre 1922, p. 6.

soumet tous ses actes à la critique et refuse d'imiter « les gestes imbéciles des autres hommes »⁶⁷. De façon plus générale, une partie de la presse anarchiste individualiste participe, dans la décennie qui précède la Grande Guerre, à la promotion d'un hygiénisme élaboré par les médecins végétariens et naturistes, soit en reproduisant des articles rédigés par ces derniers⁶⁸, soit en en reprenant les principes et en les associant à un idéal de régénération et d'émancipation individuelles⁶⁹. Si le végétarisme et l'abstinence constituent les commandements principaux de ce code naturiste, celui-ci s'étend également à des préoccupations plus vastes. En matière alimentaire, les condiments, le café et le thé sont considérés comme des substances toxiques et donc proscrites. Des recommandations très précises sont aussi formulées en matière d'exercice physique, d'hygiène corporelle, de vêtement, d'aération et d'insolation du corps. Chez certains auteurs, la respiration, la gestion du sommeil ou la fréquence des rapports sexuels sont même l'objet de prescriptions parfois très détaillées⁷⁰. L'ensemble de ces règles, gages d'une vie conforme aux lois de la nature, n'ont pas pour seule vocation de procurer le bien-être et la santé à celui qui les respecte. Elles constituent, aux yeux de ces anarchistes individualistes, la base d'un projet de transformation sociale. Par elles, en effet, « les individus devenus sains et forts pourront refaire la société qui actuellement se dissout dans ses vices, ses corruptions, sa pourriture »⁷¹. Ainsi se diffuse, dans une partie du militantisme individualiste, l'idée que les comportements sociaux dominants sont fondamentalement antinaturels et causes d'une dégénération à laquelle il n'est

⁶⁷ Lorulot, « Vices, habitudes et préjugés », *L'Anarchie*, n°43, 1er février 1906, p. 1-2.

⁶⁸ Par exemple, dans le mensuel *L'Idée libre* fondé par Lorulot, les articles du Dr Pauchet, « La vie hygiénique », n°4, 1er mars 1912, p. 88-91, et du Dr Guelpa, « Désintoxication organique et régime végétarien », n°8, 1er juillet 1912, p. 186-189 et n° 9, 1er août 1912, p. 198-201. Tous deux sont membres de la Société végétarienne de France.

⁶⁹ Par exemple, une série de huit articles rédigés par un certain Jelm et intitulés « Hygiène et anarchisme », qui paraît dans *L'Anarchie*, du 24 octobre (n°133) au 12 décembre 1907 (n°140). *La Vie anarchiste*, mensuel fondé en 1911 par des anarchistes rémois puis repris par Butaud en 1912, et *La Revue sociale*, publiée à Saint-Raphaël en 1912-1913 par Léon Prouvost, un proche de Lorulot, consacrent de nombreux articles à la propagande antialcoolique et antitabagique, au végétarisme et plus généralement à l'hygiène naturiste.

⁷⁰ Voir par exemple Jelm, « Hygiène et anarchisme », *L'Anarchie*, n°133, 24 octobre 1907, p. 2 ; Paraf-Javal, « Quelques explications au sujet de notre programme », *Bulletin du groupe d'études scientifiques*, n°12, 1er décembre 1910, p. 2-3 ; Dr Cabanès, « Savons-nous respirer ? », *L'Idée libre*, n°1, 1er décembre 1911, p. 20-22 ; Fernand-Paul, « Hygiène et sommeil », *La Vie anarchiste*, n°7, 5 mars 1912, p. 9-10.

⁷¹ Fernand-Paul, « Hygiène et sommeil », art. cité, p. 10.

possible d'échapper que par l'adoption d'un mode de vie en harmonie avec les lois de la nature.

Du milieu libre anarchiste à la Cité végétalienne

Parmi les rencontres que Louis Rimbault a pu faire au sein de la nébuleuse individualiste et naturiste, celle de Georges Butaud et de sa compagne Sophie Zaïkowska s'avère particulièrement déterminante. Actif dans les cercles individualistes depuis la toute fin du XIXe siècle, le couple est rapidement devenu végétarien et abstinent⁷². En 1903, il participe à la fondation de la première colonie libertaire française, le milieu libre de Vaux, dans un village de la commune d'Essômes-sur-Marne, près de Château-Thierry. Butaud s'affirme rapidement comme son principal animateur. Mais après quelques succès initiaux, les colons se trouvent bientôt confrontés à des difficultés matérielles ainsi qu'à de profondes dissensions internes qui conduisent au départ d'une partie d'entre eux. Ces derniers mettent en cause l'autoritarisme de Butaud ainsi que sa prétention à leur imposer un régime végétarien et l'abstinence d'alcool. Dès 1904, les militants parisiens qui soutiennent l'expérience considèrent qu'elle a déjà périclité. La colonie continue néanmoins de vivre jusqu'à sa liquidation officielle, en janvier 1908⁷³.

Après la dispersion des derniers colons, Georges Butaud et Sophie Zaïkowska se sont installés à Bascon, hameau situé à 800 mètres de Vaux, dans une ancienne dépendance de la colonie. À l'automne 1911, ils entreprennent d'y fonder un nouveau milieu libre dont ils affichent ouvertement cette fois le caractère végétarien et naturiste. Louis Rimbault et sa compagne Clémence les rejoignent et s'installent avec eux à Bascon. Les colons, qui reçoivent des visites régulières mais restent au nombre de quatre pendant toute la durée de l'expérience, approfondissent leur réflexion théorique et pratique sur la réforme des modes de vie, prélude nécessaire, selon eux, à toute transformation sociale. Cette réflexion s'oriente tout

⁷² Selon le témoignage de Sophie Zaïkowska dans l'ouvrage posthume de G. Butaud, *Le végétalisme*, préface du Dr Legrain, médecin en chef honoraire des asiles d'aliénés de la Seine, Ermont, publication du *Végétalien*, 1930, p. 57.

⁷³ Sur l'expérience du milieu libre de Vaux, voir A. Baubérot, *Histoire du naturisme...*, *op. cit.*, p. 190-194 ; T. Legendre, *Expériences de vie communautaire anarchiste...*, *op. cit.*, p. 6-40 ; C. Beaudet, « Vivre en anarchiste »..., *op. cit.*, p. 131-145.

d'abord vers la justification de la réduction de la consommation aux besoins les plus élémentaires. Certes, il s'agit de faire contre mauvaise fortune bon cœur et les deux couples installés à Bascon mènent à cette époque une vie extrêmement fruste, qui confine parfois à la survie. Mais cette frugalité n'est pas seulement vécue comme la contrepartie de la vie quasi-autarcique que ces compagnons ont choisi de mener. Selon Butaud, elle est aussi un dénuement volontaire par lequel l'individu rejette les « besoins factices », « supprime de sa vie le luxe, l'inutile, l'excitant », adopte une hygiène de vie rigoureuse et « devient un homme pleinement satisfait de vivre en consommant peu ». Et Butaud de conclure : « Tendre à se perfectionner, à devenir un élément moins dispendieux, c'est améliorer la société tout entière dans toute la mesure que l'effort individuel peut rendre »⁷⁴.

En 1912, la lecture de l'ouvrage *Les trois aliments meurtriers*, dans lequel le médecin naturiste Paul Carton dénonce la responsabilité de l'alcool, de la viande et du sucre industriel dans la dégénérescence contemporaine, conduit les habitants du milieu libre à franchir un pas supplémentaire dans leur démarche de réduction des besoins. Ils renoncent ainsi à toute nourriture d'origine animale et à tout produit transformé industriellement, et adoptent un régime exclusivement végétal qu'ils qualifient désormais de « végétalien ». Ce passage du végétarisme au végétalisme leur permet d'accroître leur autarcie et de renoncer définitivement à tout travail salarié. Par ailleurs, la lecture des ouvrages de Carton leur apporte la conviction que la réduction des rations alimentaires épargne à leur organisme l'épuisement qu'occasionne une alimentation trop abondante, et que la vitalité des végétaux crus ainsi que le fait de s'exposer régulièrement nu au soleil compensent l'apport énergétique de la viande et des féculents⁷⁵.

L'expérience du milieu libre de Bascon est de courte durée. Au bout de six mois, les difficultés économiques et l'isolement des colons en ont finalement raison. Un article paru dans *La Vie anarchiste* du 5 mars 1912 annonce sa dissolution⁷⁶. Elle laisse néanmoins une empreinte durable sur Louis Rimbault, qui y a acquis la conviction définitive que la réduction des besoins et le végétalisme sont des conditions indispensables à toute émancipation individuelle ainsi qu'à l'avènement

⁷⁴ G. Butaud et S. Zaïkowska, *Étude sur le travail*, Bascon, Éditions du Milieu libre, 1912, p. 7-8.

⁷⁵ Voir G. Butaud, *Le végétalisme*, op. cit., p. 57-68.

⁷⁶ « Le Milieu libre n'est plus », *La Vie anarchiste*, n°7, 5 mars 1912, p. 15.

d'une société libertaire. De retour en région parisienne, celui-ci fréquente les milieux illégalistes, ce qui lui vaut d'être impliqué dans l'affaire de la Bande à Bonnot et arrêté. Pendant son incarcération, il simule la folie mais comparaît néanmoins et est finalement acquitté. Réformé en 1913, il est mobilisé en 1915 et affecté en usine comme mécanicien ajusteur, avant d'être déclaré invalide et définitivement réformé⁷⁷. Après la guerre, il renoue ses relations avec Georges Butaud et Sophie Zaïkowska qui tentent alors de lancer un nouvel embryon de colonie végétalienne à Bascon. Il devient à son tour un ardent propagandiste du végétalisme, collabore activement à la revue naturiste libertaire *Le Néo-naturien*, lancée par Henri Le Fèvre en décembre 1921, et donne des conférences au Foyer végétalien de la rue Mathis que Butaud ouvre en 1922, dans le quartier de la Villette à Paris. C'est également à cette époque que Louis Rimbault met au point la Basconnaise, « salade d'infinie variété ». Cette recette, dont la trentaine d'ingrédients et condiments vise à compenser par la diversification les carences qu'entraîne la suppression des aliments d'origine animale, devient bientôt le plat végétalien de référence⁷⁸. En 1925 cependant, Louis Rimbault rompt avec Butaud et Zaïkowska. Il leur reproche le lancement d'une nouvelle revue, *Le Végétalien*, dont la concurrence a entraîné le déclin puis la disparition du *Néo-naturien*, ainsi que la trop grande influence qu'exerce sur eux le spiritualisme ésotérique du docteur Paul Carton⁷⁹. Mais ces querelles de chapelle ne l'empêcheront pas de continuer à reconnaître en Butaud son « maître en végétalisme »⁸⁰.

Terre libérée, cité végétalienne... et écologiste ?

À la fin de l'année 1923, Louis et Clémence Rimbault ont décidé de fonder une nouvelle colonie végétalienne en Touraine, région dont Louis est originaire. Pour cela, ils acquièrent près de Luynes, à 10 km à l'ouest de Tours, une ancienne

⁷⁷ J. Maitron et C. Pennetier (dir.), *Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier*, op. cit.

⁷⁸ Un siècle plus tard, la recette de la Basconnaise est encore promue dans certains milieux végétaliens.

⁷⁹ L. Rimbault, « Le "Néo-Naturien" doit-il disparaître pour avoir coopéré au succès du végétalisme libérateur ? », *Le Néo-naturien*, n°21, octobre-novembre 1925, p. 345. Dans cette livraison, Henri Le Fèvre annonce la fin de la revue.

⁸⁰ L. Rimbault, *Secrets bienfaits de la maladie, les soins exécutant, médecine et médecins, ce que le visage révèle*, Luynes, Éditions de Terre libérée, 1928, p. 35.

exploitation agricole composée de dix hectares de terres cultivables ou boisées, d'un corps de ferme et de ses dépendances. Au début de l'année 1924, la « Cité végétalienne Terre libérée » est fondée et commence à accueillir des visiteurs.

Louis Rimbault, qui semble avoir mûrement pensé son projet, a prévu des modalités d'organisation très précises. Les souscripteurs qui acceptent de soutenir la colonie seront réunis en coopérative et se chargeront de l'administrer financièrement à ses débuts. Les bénéfices produits par divers travaux utilitaires, mais également les pensions versées par les visiteurs et la rémunération des soins prodigués aux malades qui viendront se soigner à Terre libérée, permettront de couvrir à terme les souscriptions. Les colons, quant à eux, réunis chaque semaine dans un « conseil des sociétaires », désigneront à tour de rôle deux administrateurs, l'un chargé des affaires internes, l'autre des relations extérieures. Chaque sociétaire, dont le nombre maximum est fixé à vingt adultes, recevra la jouissance personnelle d'une partie du bâtiment et d'un potager. À terme, il est prévu d'aménager une école, un préventorium, un pavillon pour accueillir des pensionnaires malades, un autre pour les simples visiteurs et un troisième pour les vieillards sans ressources. Enfin, un règlement précise les activités prohibées et les motifs d'exclusion⁸¹.

Toutefois, les réalisations à Terre libérée sont loin d'être à la hauteur des ambitions de son fondateur. Si la colonie accueille de nombreux visiteurs pour des séjours plus ou moins longs, elle ne compte que cinq colons installés à demeure : Louis et Clémence Rimbault, Gabrielle Lallemant (dite Gaby) et sa fille Solange, et Léonie Pierre, une jeune femme d'une vingtaine d'années atteinte d'un retard mental que les Rimbault ont adoptée en 1915. En 1927, le décès de Clémence réduit encore la population de la « cité végétalienne ». Ces revers n'empêchent pas Louis de déployer une intense propagande en faveur de son programme de régénération. Il donne de nombreuses conférences à Paris et à Tours, publie une dizaine de brochures qu'il édite lui-même dans l'imprimerie de sa colonie et continue d'entretenir des liens étroits avec le milieu libertaire. Il collabore notamment au journal individualiste *L'En-dehors* et à l'*Encyclopédie anarchiste* de Sébastien Faure pour laquelle il rédige un article intitulé « Maladie, médecins, médecine, médocastre ».

⁸¹ C. Beaudet, « *Vivre en anarchiste* »..., *op. cit.*, p. 286-287.

Les relations avec le voisinage de la colonie sont plus compliquées. Les habitants de Luynes voient d'un mauvais œil l'arrivée de ces anarchistes et la circulation perpétuelle de visiteurs qu'elle entraîne. Leurs mœurs curieuses et leur prétention à l'autarcie donnent des allures de secte à cette communauté et entraînent la méfiance des villageois⁸². Dans un témoignage rédigé en 1945, Rimbault dénonce pour sa part les manœuvres d'un voisinage hostile au « buveur d'eau » et au « mangeur d'herbe »⁸³. De nouveaux revers viennent encore assombrir l'existence que Rimbault mène dans sa colonie. En septembre 1932, il est victime d'un accident qui le rend paraplégique. Gaby et sa fille quittent Terre libérée l'année suivante et Louis vit désormais seul avec Léonie. Il finira par l'épouser, bien qu'elle soit de vingt-cinq ans sa cadette, probablement pour lui permettre d'hériter de Terre libérée après sa mort. Malgré son isolement, la foi végétalienne de Rimbault ne s'amenuise pas et il continue, jusqu'à son décès en 1949, à accueillir des pensionnaires et à entretenir une correspondance nourrie avec plusieurs militants libertaires.

L'abondante production théorique dans laquelle Louis Rimbault s'attache à justifier et promouvoir le régime végétalien s'appuie principalement sur des arguments de type médical et physiologique⁸⁴. On retrouve ainsi, dans ses brochures, de longs développements sur les méfaits de la viande, de l'alcool et du tabac analogues à ceux que développent, depuis un demi-siècle, les médecins végétariens et naturistes pour promouvoir une réforme sanitaire des modes de vie. En revanche, le milieu naturel, les enjeux de sa préservation et son influence sur la qualité de la vie semblent singulièrement absents de ses écrits. Alors que l'essentiel de son propos vise à démontrer la validité scientifique de son système, Rimbault ne s'aventure jamais explicitement sur le terrain de l'écologie. Ainsi, c'est en vain que l'on y rechercherait la moindre référence, même implicite, aux travaux du fondateur de l'écologie scientifique, Ernst Haeckel, ou d'un quelconque de ses successeurs. De même, il n'évoque jamais le poète américain Henry Thoreau, parfois considéré

⁸² Entretien réalisé avec M. Michaux à Saint-Cyr-sur-Loire, le 8 mai 2000. Enfant dans les années 1930, M. Michaux habitait une ferme voisine de Terre libérée.

⁸³ Lettre de Louis Rimbault à Armand, datée du 20 mars 1945, Archives Armand, Institut français d'histoire sociale, 14 AS 2118.

⁸⁴ Outre ses articles dans diverses revues anarchistes, Louis Rimbault a publié onze brochures (de 16 à 80 pages) entre 1923 et 1938.

comme un précurseur de l'écologisme et dont les ouvrages, connus des milieux individualistes dès les années 1920⁸⁵, exaltent la vie dans la nature. Enfin Rimbault ne fait aucune allusion aux débats qui ont entouré, depuis le début du siècle, la création des parcs naturels⁸⁶, ni à la loi du 2 mai 1930 sur la protection des sites et des paysages. En d'autres termes, l'action militante de Rimbault se situe exclusivement dans la lignée de l'hygiénisme médical de la fin du XIXe siècle et du début du XXe siècle, et plus spécifiquement de son versant naturiste, mais elle n'entretient aucun lien de filiation ou d'affinité avec les milieux dans lesquels l'écologie scientifique et l'écologisme contemporain puisent leurs sources.

Toutefois, de manière épisodique mais récurrente, Rimbault aborde dans ses écrits des thèmes qui dénotent de sa part des préoccupations que l'on pourrait qualifier, *a posteriori*, d'écologistes. Dans son rapport à la nature, tout d'abord, il insiste régulièrement sur la nécessité de rétablir avec elle une harmonie qui, selon lui, a été perdue, notamment par la consommation de viande. « Le carnivorisme », proclame-t-il dans *Le Néo-naturien*, « c'est la lutte universelle, c'est l'homme retournant à la barbarie, c'est la nature détroussée, c'est l'humanité en esclavage, c'est l'animal rendu pervers » ; tandis que « le végétalisme, c'est la réconciliation avec la nature »⁸⁷. Dans une brochure intitulée *Les origines de la vie humaine révélées par la pratique du naturisme intégral*, il expose également sa vision – largement fantasmatique – d'une vie primitive « pure, naturelle, libre », dégradée par les méfaits de la civilisation. Cet exemple lui permet d'affirmer que la solution aux affres de la vie contemporaine réside dans le rétablissement des liens qui doivent unir l'être humain au milieu naturel : « Pour l'homme végétalien, déclare-t-il, le problème est simple à résoudre avec quelques milliers de mètres de terre régénérée de la volonté d'harmonie et de la volonté de respect de la vie, ainsi que le végétalisme l'enseigne et le permet »⁸⁸.

⁸⁵ E. Armand, avec qui Rimbault entretient une correspondance, est admirateur de Thoreau. En octobre 1926, il publie l'un de ses textes dans *L'En-dehors*, sous le titre « En faveur de la nature ».

⁸⁶ Voir B. Kalaora et A. Savoye, « La protection des régions de montagne au XIXe siècle : forestiers sociaux contre forestiers étatistes », in A. Cadoret (dir.), *Protection de la nature : histoire et idéologie*, Paris, L'Harmattan, 1985, p. 6-23.

⁸⁷ L. Rimbault, « Le problème de la viande », *Le Néo-naturien*, n°9, décembre-janvier 1923, p. 10.

⁸⁸ L. Rimbault, *Les origines de la vie humaine révélées par la pratique du naturisme intégral : le végétalisme, interprétation vécue, inédite sur la vie du primitif*, Luynes, Éditions de Terre libérée, 1929, p. 4, 10 et 25.

Alors que Butaud envisageait principalement la nature comme un ensemble de principes physiologiques permettant de déterminer les règles d'un comportement sain – ce qui l'a conduit à relativiser l'importance du milieu rural et à ouvrir un Foyer végétalien à Paris au début des années 1920 –, Rimbault la conçoit aussi à travers l'acception environnementale du terme. Selon lui, la libération individuelle passe nécessairement par le retour à la terre et le végétalien « devra se faire paysan ». Toutefois, le respect de l'harmonie avec la nature impose de renoncer aux techniques agricoles modernes et aux engrais chimiques, « un attentat à la vie, un crime contre la nature », pour suivre le cycle biologique de la terre et pratiquer l'assolement⁸⁹. Ailleurs, répondant à l'argument – un peu simpliste mais couramment opposé au végétalisme – selon lequel le refus de la souffrance animale devrait, par souci de cohérence, s'appliquer aussi aux végétaux, il défend l'idée d'une agriculture prudente, soucieuse de ne pas surexploiter les ressources du sol : « Le végétalien, cultivant ses végétaux [...], ne confectionnera sa basconnaise qu'en la prélevant, au jour le jour, feuille par feuille, sur chaque plant, et pour un plant qu'il arrachera, par nécessité indispensable, il en fera pousser plusieurs autres en rétablissant lui-même et de ses œuvres, l'équilibre en la Nature »⁹⁰. Enfin, cet idéal d'un rapport au milieu naturel exempt de toute domination le conduit à rechercher le plus possible ses moyens de subsistance dans « la friche opulente » et parmi les plantes sauvages⁹¹. Certes, ces considérations restent des bribes éparses, clairsemées dans les écrits de Rimbault. Leur cohérence ne résulte pas de la tentative de celui-ci d'élaborer une méthode d'agriculture raisonnée mais de sa volonté, plus simple et plus fondamentale, d'affranchir « tout ce qui vit, tout ce qui est sensible et souffre de l'injustice, de l'iniquité, de l'abus, de la perversion des hommes »⁹². Elles dessinent cependant les contours d'une éthique du rapport au milieu naturel fondé sur le refus de la domination de l'homme et sur la recherche d'un équilibre harmonieux avec la nature, que l'on pourrait qualifier rétrospectivement d'écologiste.

⁸⁹ L. Rimbault, *Le grand problème naturiste : se libérer sans délai dans un jardin, guide complet de jardinage naturiste, selon les méthodes expérimentées par l'École de pratique végétalienne et de retour à la terre*, Luynes, Éditions de Terre libérée, s. d., p. 2, 3 et 10.

⁹⁰ L. Rimbault, *Secrets bienfaits de la maladie...*, *op. cit.*, p. 59.

⁹¹ *Ibid. et id.*, *Plantes sauvages alimentaires*, Luynes, Éditions de Terre libérée, s.d.

⁹² *Id.*, « Le problème de la viande », art. cité, p. 11.

Plus systématiquement présente dans les écrits de Rimbault, la question des rapports avec le monde animal s'inspire du même refus de toute domination. Il motive, en premier lieu, le rejet de la consommation de viande, que Rimbault qualifie de « régime cadavérique » et qui découle selon lui du meurtre des bêtes. De même, la vivisection et plus largement toute forme de violence exercée sur les animaux est selon lui criminelle⁹³. De manière plus fondamentale, le végétalisme dénonce toute utilisation de ressources animales comme une forme d'exploitation. L'élevage est ainsi associé à une mise en esclavage et la consommation de lait ou d'œufs à un vol. Rimbault ne s'arrête cependant pas à cette revendication simple et radicale de la suppression de toute emprise humaine sur les animaux. Sa critique se fait parfois plus précise et pointe l'intégration croissante de l'agriculture aux circuits de l'industrie alimentaire qui soumet l'animal à des logiques de productivité toujours plus intense. Ainsi, l'erreur du végétarisme, qui reste selon Rimbault « un idéal qui s'arrête à mi-chemin de la vérité », n'est pas seulement de permettre « qu'on détrousse le nid de la poule », mais également de se rendre complice d'un système « qui industrialise la vie de la bête séquestrée de qui, en fin de compte, et fatalement, on commercialisera la chair ; qui exige l'industrialisation de produits, tirés ou non de l'animal maltraité, bien souvent mal alimenté, mal soigné ». À ses yeux, l'aliénation de l'animal à la production industrielle annonce « la prolétarianisation de l'humanité des gens et bêtes » par le « culte du faux-besoin » et la volonté de « satisfaire à des exigences dépassant les moyens d'action de l'homme »⁹⁴. De façon plus grave encore, par sa soumission aux logiques de la production industrielle, l'animal est spolié de sa propre nature : « Mais au train où marche l'homme, donnant, aux bêtes, toutes herbivores, séquestrées dans les écuries, les clapiers, les basses-cours, les volières, des aliments industrialisés faits de sang animal, de détritiques de viande et de poisson ; n'arrivera-t-on pas à ne plus connaître un seul herbivore ? » Et Rimbault d'en conclure que « l'œuvre de civilisation est une œuvre de "dénaturalisation" »⁹⁵. Sa sensibilité particulière à la dignité animale et sa conception de la nature comme un ordre harmonieux auquel l'homme doit se soumettre pour vivre sain et heureux le conduisent ainsi à dénoncer comme des fraudes contre-nature les techniques de

⁹³ *Ibid.*

⁹⁴ *Id.*, *Secrets bienfaits de la maladie...*, op. cit., p. 50 et 48.

⁹⁵ *Id.*, *Les origines de la vie humaine...*, op. cit., p. 7 et 9.

l'agriculture moderne, et notamment des pratiques qui ne le sont alors que rarement

⁹⁶.

Enfin, Rimbault oppose à l'harmonie de la nature toute l'horreur de la civilisation industrielle et urbaine. S'appropriant les antennes de la rhétorique antimoderne, il entreprend de contester la validité de la notion de progrès : « Je le vois [le Progrès] avec ses accidents, ses méprises, ses furies, ses catastrophes, ses volcans et les fous qu'il met au volant de ses machines esclavagistes et broyeuses d'hommes. Je le vois, le Progrès, avec ses morts innombrables, favorisant, outillant, cultivant la guerre aux hécatombes de plus en plus immenses »⁹⁷. Et d'insister, à plusieurs reprises, sur les ravages de la civilisation moderne tels que la prolétarianisation des travailleurs par le taylorisme, l'apparition et le développement de nouvelles maladies, et surtout la perpétuelle insatisfaction de l'homme contemporain qui, malgré les développements de sa science, ne parvient à accéder au bonheur et à la santé⁹⁸. Là encore le végétalisme apparaît, selon Rimbault, comme le plus sûr moyen de résoudre ces maux et de montrer à l'homme les conditions d'une vie régénérée dans un environnement harmonieux.

À l'issue de cette étude, un premier constat s'impose : l'histoire de ces colonies végétaliennes est à l'évidence l'histoire d'un échec. Ni Butaud dans son milieu libre de Bascon, ni Rimbault dans sa cité végétalienne de Luynes ne sont parvenus à susciter la création de communautés durables ayant une envergure un tant soit peu significative. Le gouffre abyssal qui sépare les projets utopiques qu'échafaude Rimbault lorsqu'il fonde Terre libérée et la réalité de la vie qu'il finit par y mener, paraplégique, abandonné de tous, ayant pour ultime compagne une handicapée mentale de vingt-cinq ans sa cadette, pourrait passer pour une farce si l'on en omettait le côté tragique. Pourtant, en dépit de leurs effectifs toujours très réduits, il faut admettre que ces colonies ont laissé une empreinte certaine dans la culture libertaire de leur temps. Par les articles qui leur ont été consacrés lors de leur

⁹⁶ Au début des années 2000, lorsqu'éclata « l'affaire de la vache folle » et que les effets de l'alimentation par des farines animales furent établis, divers médias exhumèrent une conférence de Rudolf Steiner, fondateur de l'anthroposophie, prononcée en janvier 1923 et qui dénonçait également cette manière de nourrir les animaux d'élevage.

⁹⁷ L. Rimbault, *Secrets bienfaits de la maladie...*, op. cit., p. 55.

⁹⁸ Par exemple, id., *Les origines de la vie humaine...*, op. cit., p. 15 et 23.

fondation, mais aussi grâce à l'intense activité propagandiste que Butaud et Rimbault ont inlassablement déployée, les expériences menées à Bascon et Terre libérée ont obtenu un écho certain dans les milieux anarchistes. Accueillant sans relâche des compagnons de passage, venus se ressourcer par un séjour plus ou moins long à la campagne, les deux colonies ont fini par s'apparenter à des sortes d'auberges de jeunesse ou de gîtes ruraux anarchistes. S'ils ne sont pas parvenus à convertir le monde anarchiste au végétalisme, du moins Rimbault et Butaud ont-ils activement contribué à diffuser la sensibilité naturiste dans les milieux libertaires de l'entre-deux-guerres. On peut ainsi supposer que, pour de nombreux militants, le renoncement – plus ou moins strict – à l'alcool, au tabac et à la viande et la pratique régulière du camping et des excursions dans la nature découlent, au moins en partie, de l'opiniâtreté des apôtres du végétalisme⁹⁹.

La question se pose enfin de savoir dans quelle mesure Louis Rimbault peut ou non être considéré comme un précurseur de l'écologisme anarchiste. Deux éléments, au moins, semblent aller à l'encontre de cette thèse. En premier lieu, nous l'avons souligné, il n'a jamais tissé le moindre lien avec les milieux dans lesquels éclora par la suite l'écologie politique. Toute sa vie, Rimbault est resté étranger au monde de l'écologie scientifique – sa culture d'autodidacte ayant été puisée à une autre source, celle de la littérature médicale et hygiéniste – comme à celui des débats sur les politiques publiques de protection de la nature, probablement parce qu'en bon anarchiste l'idée de militer en faveur d'une politique étatique lui était étrangère.

En second lieu, son programme de libération intégrale de l'homme et de l'animal par le végétalisme, par le retour à la terre et la recherche de l'harmonie avec la nature, est resté lettre morte. Les thèses qu'il développait à longueur de brochure n'ont été reprises par personne et aucun courant ni groupement constitué ne leur a donné d'écho¹⁰⁰. Rimbault fut à la fois le fondateur d'une colonie qui accueillait des visiteurs sans qu'aucun n'ait jamais la tentation de s'y fixer définitivement, et un

⁹⁹ Les pratiques naturistes sont ainsi évoquées par plusieurs des anciens militants lyonnais dont Claire Auzias a recueilli les témoignages. Certains citent explicitement l'exemple de Butaud. C. Auzias, *Mémoires libertaires, Lyon, 1919-1939*, Paris, L'Harmattan, 1993, p. 236-244.

¹⁰⁰ À la différence de l'anthroposophie, par exemple, qui, bien que très confidentielle, perpétue l'œuvre de Rudolf Steiner.

théoricien qui multiplia les conférences et les brochures sans jamais parvenir à convertir ses lecteurs et ses auditeurs au point d'en faire les adeptes de son système. Rien de son œuvre théorique et pratique ne devait lui survivre ; si bien que quand, vingt-cinq ans après sa mort, les anarchistes français commencèrent à se soucier d'écologie politique, son souvenir était suffisamment effacé pour que personne ne se préoccupe d'exhumer ses textes. Ces derniers, pourtant, abordaient des thématiques dont certaines sont bel et bien devenues des préoccupations majeures de l'écologie contemporaine. La construction brouillonne et l'écriture parfois approximative de ses brochures, la radicalité souvent caricaturale de ses thèses expliquent en partie cet oubli. Mais à bien des égards, Louis Rimbault fait malgré tout figure d'avant-garde de l'écologisme anarchiste. Il explora des sentiers nouveaux avec détermination, mais seul et avec les moyens intellectuels et matériels limités que lui imposait sa condition. Comme toutes les avant-gardes, il ouvrit des brèches et traça des pistes qui, pour certaines, étaient vaines, mais, pour d'autres, se sont révélées fécondes. Toutefois, lorsque leur fécondité fut avérée, Rimbault était déjà mort et oublié.

**Maître de conférences en histoire contemporaine, Université Paris-Est,
CRHEC (Centre de recherche en histoire européenne comparée).*